AZAS

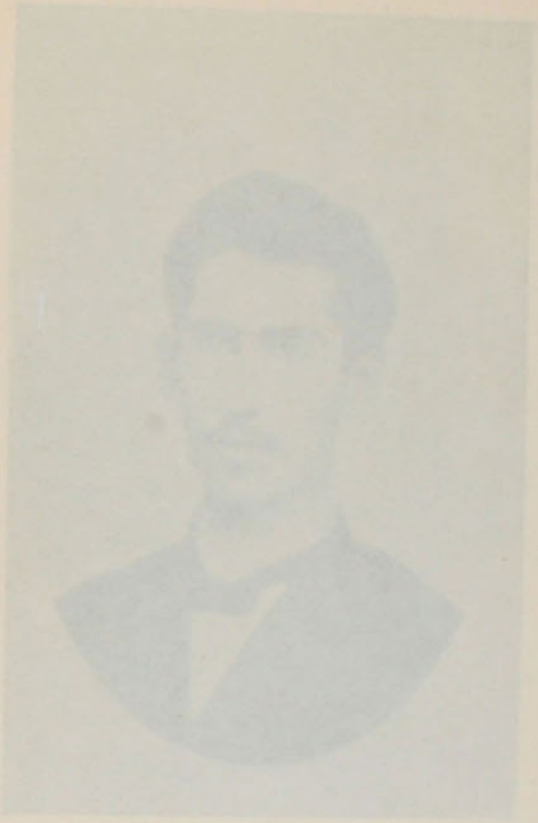
Fernando Pessoa.

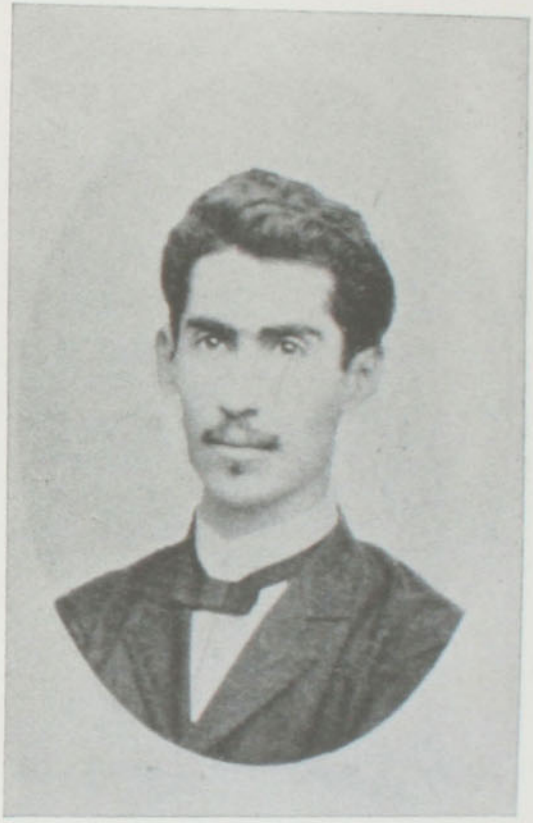
EUGENIO SAVARD

AZAS

(POESIAS)

RIO DE JANEIRO
Typ. da Companhia Litho-Typographia, rua do Lavradio nos. 53 e 55
1903





Mão piedosa e carinhosa de irmã, que foi pelo desvelo e pela dedicação, logo apoz o fallecimento dos virtuosos Paes, uma verdadeira Mãe, não quiz que o silencio que se fez sobre o tumulo de Eugenio Savard, e o tempo que tudo faz esquecer, saudades e gosos, as dôres pela successão de uma dôr mais forte, as alegrias pela presença de uma amargura dolorida e crúa, devorassem no esquecimento a obra do Poeta. Ella recolheu uma a uma as preciosas perolas que lhe foi dado encontrar, e com a paciencia de quem se consagrava a uma tarefa de amor e de saudade, de religião e de virtude, recompoz o escrinio que Eugenio Savard, em noutes de insomnia, ia enriquecendo, no meio de soffrimentos physicos e moraes que não se definem, e de uma aspiração eterna, insaciavel e desesperadora de paz e de repouso, com gemmas preciosas que as almas delicadas apreciárão, tanto os seus versos exhalam o aroma dos mais puros ideiaes de que possa alimentar-se o coração humano.

Os erros ou enganos, si os houver, não são pois do Poeta, que não revio os seus versos, que não poude organisar e rêler os seus escriptos. Para compensar, porém, essas faltas, ha n'esses versos muita bellesa que apaixona, muita tristesa que atrahe, muita lagrima que commove, muito sentimento que falla — *Azas* — doiradas que brilham aos raios de luz de uma intelligencia extraordinaria, *Plumas* alvas e tenues que se agitam ás vibrações de um estro genial e uma correcção de fórma e de linguagem que revelam o grande e esmerado cultivo que da lingua portugueza possuia Eugenio Savard ao lado de solido saber e variada illustração que irrompe aqui ou ali a revelar que para o Poeta não tinham segredos as verdades scientificas conhecidas. O publico leia essa obra e verá que é feita de versos, versos de adoravel lyrismo, escriptos por um dos mais delicados cantores de nossa lingua. Sejam estas linhas o pallido testemunho da amisade e da admiração que lhe consagrei.

UM AMIGO.

A' MEMORIA DE MEU IRMÃO

Como prova da saudade perenne que eu e todas as minhas irmans sentimos pela ausencia eterna de Eugenio reuni, n'este livro, os versos, que já havia elle publicado, e um grande numero de poesias que encontrei esparsas entre os livros de estudo que lhe faziam a unica consolação da vida depois que nossos Paes deixaram de existir.

AMBROZINA SAVARD DE SAINT-BRISSON CORRÊA.

AZAS

PRIMEIRA PARTE

ADVERTENCIA

1.ª Longe da Patria, longe da familia, e sem os manuscriptos de meus versos, sentindo-me enfermo, e cruelmente alarmado com o aggravamento do meu precario estado de saúde, escrevi de memoria e apressado a presente collecção de minhas poesias, na qual muitas faltam, que me não accudiram á mente, e outras compuz á ultima hora para enfeixal-as neste modesto volume de *Aças*.

E' o livro de um simples e de um martyr, que seu lucto e maguas não quiz pôr nos versos para os não entenebrecer.

Fica-lhes a simplicidade.

Deveria ser tambem, segundo meus intuitos, ousados mas nobres, a oblata que ao templo da Arte leva, religiosamente, o forasteiro crente, o fanatico adorador da Poesia.

A fatalidade cortou-m'as, quasi rentes, minhas pobres *Aças*, juncando-me o caminho de óbices e travancos, dôres pungentes,

lagrimas sagradas, e estereis como as que cahem, e as não vêmos cahir, sobre a solidão árida e inhospita do Saharah.

Azas, se não podeis remontar ás nuvens, contentai-vos em adejar sobre as flôres, como as borboletas. Sois apenas a manifestação de uma alma sensivel, meditadora e simples, cortada em suas mais nobres aspirações pela fatalidade cruel, timida e surpresa ante a violenta brutalidade da vida, exilada em sua orphandade, e triste.

Sois o vestigio de uma breve existencia, a recordação de um espirito que soffreu muito e muito.

As dôres, injustiças e incompatibilidades, mais do que os trabalhos, abreviam a existencia.

Sinto-me quasi a desprender o vôo, e levo deste mundo uma dorida e profunda convicção: tudo, tudo é mentira, eis a verdade!

E' essa a formula exacta da impressão que fundamente guardo.

Que ao menos fique no espirito dos vivos a piedosa lembrança, que mereça um martyr e um simples, e a vibração grata ou saudosa da harmonia que possa ter o vôo destas *Azas*.

Porto, Maio de 1897.

EUGENIO SAVARD.

AZAS

Erguei o surto, voae, erguei o cantico, ide
e bebei nesse azul ineffavel e eterno.
A existencia é um arneiro onde nasce uma vide
entre as torgas, o idéal. A poesia é um falerno.

UM LIVRO

Um livro aberto é como duas azas.
Essa é que colhe, essa volante mão,
flor, o agridoce nectar que extravazas
feito de magua e feito de illusão.

Um livro aberto é como duas azas,
que têm o ninho e têm a immensidão!
Pombas que vôam mansas sobre as casas...
aguias frementes que ás alturas vão!

Alma, em que anceio e duvida te abrazas?
Que treva e dor te opprimem, coração?
Um livro aberto é como duas azas!
Versos, sois livres! voae da escuridão!

D'este immenso paul, de hórridas vasas,
limpidos voae á limpida mansão!
Roseas neblinas d'estas ondas rasas,
pranto irisado, rosiclér do chão!

Debalde prostas a materia e arrasas,
dor, a esperança, o sonho, a crença... em vão!
Renasce a phenix das cinereas brazas!
Tudo se extingue, mas a idéa não.

Um livro aberto é como duas azas,
que têm o ninho e têm a immensidão!
Pombas que vôam mansas sobre as casas...
aguias frementes que ás alturas vão!

PULVIS

Um astro além disse, todo
cheio de orgulho e de dó:
—Homem, és pó como o lodo!
Terra, és cinza como o pó!—

E a sua aureola radiante
vibrava no ether sem fim,
como um pharol... Nesse instante
responde uma voz assim:

—Astro, essa lampada augusta
cega-te, não podes ver!
és cinza e brazas, e á custa
brilhas de teu proprio ser!

O pó, a terra rasteira,
tem de luz o seu quinhão:
o que é o Ouro, em summa?—poeira!
o que é o Diamante?—carvão!

E neste cosmo nevoento,
patria do Homem, é mister
que saibas que o Pensamento
é luz como outra qualquer!

DOIS CREPUSCULOS

No accaso a purpura esmaece. O dia
pallido escôa a morna claridade.
Envolve os seres, pouco a pouco, e invade
tudo um aroma de melancolia.

Um terno adeus abrange a immensidade.
Paira um mysterio. Sôa Ave Maria.
Hora de paz, de amor e de poesia,
unges a dor e evocas a saudade!

Não é tão calmo esse outro breve instante:
da vida a tarde... Não ha som que o cante
e não ha côr que esse outro occaso pinte!

Dormes tranquilla, natureza, certa
de que te accordas na manhã seguinte...
E a vida... nunca, nunca mais desperta!

PRECE

Em que teclado harmonico e sidereo
o meu soluço tange e vibra,
quando este peito, fibra, a fibra,
abate-o a dor e o desconsolo fere-o!?

Onde esse olhar que leia o atroz mutismo
das maguas intimas cruciantes,
quando nos olhos cravam-se diamantes,
que se reflectem nos do abysmo!?

Que alma ha, no além, que em ebano se anoje,
trema, se franza numa plica,
á vibração de um estertor que foge
e de uma lagrima que fica!?

Para que em hymnos tua gloria eu louve,
ó céo, dilue-te e transparece!
Seio profundo! meus gemidos ouve
e minha lancinante prece!

Cá nenhum echo, no Orco, onde eu existo.
Só a maldade range, range...
Em que teclado harmonico e não visto
a minha angustia vibra e tange!?

O DESERTO

Sobem aos ares turbilhões de poeira,
ao confuso tropel da cavalgada.
O chão estúa. O rei da azul arcada
esvai-se em sangue e ateia-se em fogueira.

Ao longe... Emfim! avulta uma palmeira,
— sentinella gentil d'erma pousada.
E a vista adora-a, louca, enamorada,
qual se adora a esperança derradeira!...

Mas subito um véo negro o sol empanna.
Sopra o simoun, em desabrida ameaça,
revolve os areiaes com furia insana,

e tudo vence, prostra, despedaça!...
Este deserto é o mundo, e a caravana
a curta vida, célere, que passa.

MÃE!

Á MEMORIA DE MINHA QUERIDA MÃE

Voltaste áquella instancia peregrina,
martyr, de espinhos qual Jesus coroada...
e os anjos lá no fim da immensa estrada,
santa, acolheram-te á mansão divina.

Hoje, atravez da sideral cortina
que inteira cerca a mystica morada,
projectas em meu peito a sombra amada,
e a sombra tua o peito me illumina!

Ah! desde aquelle atroz, ultimo adeus,
vives em mim! no emtanto me povoa
sempre essa imagem — morta aos olhos meus!...

Dorme serena, ó alma pura e boa,
o fundo somno eterno aos pés de Deus.
Mas, uma vez ainda, me abençoa!

CAMÕES

NAUFRAGADO EM CAMBODGE

Humido, immovel, jaz na areia fria
um corpo humano, e a si mantem seguro,
salvo da onda, o Trophéo, que inda o Futuro
devêra, justo e bom, pagar-lhe um dia!

Elle — cantor do invicto palinuro —
tambem agora ao ludro mar vencia!
Ruge a seus pés, de raiva, e torvo espia,
sonhando atroz vindicta, o pégo oscuro:

a juba erriça á vaga leve e prompta,
se arroja, os syrtes galga... estruge um beijo:
no poeta luso cospe a nivea baba!...

Oh! qual sentindo aquella dura affronta,
no occaso as nuvens gris coram, de pejo...
a luz, tremula, foge... o dia acaba.

ULTIMO SER!

Deu luz e deu calor ao frio nada,
e fórma aos chaos soturno, e vida ao ente.
Que, pois, espera a obra, já creada,
para rolar no abismo eternamente?

Ao gesto olympio, surge de repente
um archanjo. Na fronte uma alvorada.
— Dou-te mais viva luz que ao sol ardente
e a toda immensa esphera constellada;

na flamma augusta leva ao orbe, ungida,
minha essencia, que em ti sagro e diffundo;
vai, nutre os risos e semeia a dôr,

alastra a morte e perpetúa a vida. —
Moveu-se logo no seu eixo o mundo,
o archanjo lá partiu. Chama-se Amor.

A MARAVILHA

Que fôras, Terra, fria lama escura,
sem esse auctor de luz aurea e infinita!?
(Palavras do homem — verme que medita
sobre as sublimes cousas da natura.)

A escrava humilde bem o sabe, e jura
a seu rei gratidão, em fogo escripta,
quando desdobra pelo espaço a fita
loura, etherea, que cinge-lhe a cintura!

E os dois se curvam, religiosamente,
ante esse que une a vida á flava c'rôa
(rei que é da Vida subdito obediente!),

emquanto o cosmo, unisono, proclama
quem fez, com mão tão inspirada e boa,
na Terra — cirio de humus, o Homem — flamma.

A QUEDA DE UM TITÃ

Sumiu-se emfim detraz dessa montanha,
declinando ao palacio das ondinas,
Mas que incendio nas cerulas campinas!...
Além se passa alguma cousa extranha!

Desce os degraus de anil o rutilo gigante,
e emquanto já da morte a fria mão lhe acena,
talvez ache a morada intermina de Atlante
mansão digna de reis — mas para um sol pequena.

Faz-se livido o céo, na angustia lancinante
de quem vai contemplar uma espantosa scena.
Paira a morte no occaso. Os olhos do levante
vão ter maguas de luz — scintillações de pena.

É tempo: os vagalhões da negra serrania
cavam na hiante fauce o tumulo do dia.
A aguia tombou no oceano. A natureza dorme.

No abysmo, em convulsões, o athleta moribundo
volvendo a escuma de ouro—esparge-a sobre o mundo,
como um echo a se ouvir d'esse naufragio enorme.

HYMNO

CONSAGRADO Á PATRIA BRAZILEIRA

Liberdade! sublime sentença
que nos céos uma voz proferiu!
d'essa esphera de mundos immensa
o teu vulto brilhante surgiu!
Abrangendo os limites da Idéa,
com teu verbo flammante e vivaz
nos recitas a grande epopéa
do Trabalho, da Honra e da Paz!

Salve! Salve! Liberdade.
Lá dos páramos de anil,
pelo trilho da verdade
conduze á gloria o Brazil!

Appareces primeiro ao gigante,
Quando, erguido ao fitar-te o clarão,
elle arroja ao tyranno o seu guante,
nasce — aos pés do Ypiranga — a nação!
Mas um sceptro é bastante pesado!
Corre o sangue de novos heróes,
e no patrio docel constellado
este sangue desenha arreboes!

Salve! Salve! Liberdade.
Lá dos páramos de anil,
pelo trilho da verdade
conduze á gloria o Brazil!

Inda surges, á frente dos bravos,
e redimes os párias christãos:
não ha mais uma gleba de escravos,
sim um berço ditoso de irmãos!
Finalmente, o teu sol de esplendores
enche a terra e os abysmos do céo:
sob um manto de palmas e flores,
cai um throno e se erige um trophéo!

Salve! Salve! Liberdade.
Lá dos páramos de anil,
pelo trilho da verdade
conduze á gloria o Brazil!

Deus, sagrando o porvir brazileiro,
neste solo plantou Vera-Cruz,
e lá cima outra egual — o Cruzeiro —
como um lábaro eterno de luz!
Brazileiros, avante! mil glorias
nos acenam risonhas além!
Vêde, a Patria nos clama victorias!
'Sus! avante! romeiros do Bem!

Salve! Salve! Liberdade.
Lá dos páramos de anil,
pelo trilho da verdade
conduze á gloria o Brazil!

ETERNA CONFIDENTE

Flebilis natura, vatis confidens...

Talvez compartas o meu riso, e leias,
chorando, as penas que minha alma chora,
—quando sorris no labio em flor da aurora,
—quando na luz da fria tarde anceias!

Mas, se partilhas impressões alheias,
por que te esqueces a brincar lá fóra,
hoje que a magua me trucida, agora
que sinto a febre dilatar-me as veias!?

Não folgues mais, teus canticos me affligem.
Vista-te o lucto que me cobre as faces,
—soluce o vento, envolva-te a caligem.

E não poupes as lagrimas, porquanto
todo um diluvio que do céo chorasses
não valêra uma gotta do meu pranto!

A UM ANJINHO

Passaste no mundo, breve
como um suspiro, creança!
Cumpriste a lei, pomba mansa,
a lei que o Senhor escreve!
Foste amor, vida, bonança,
hoje és frio, gelo, neve...
Até que Elle a ti nos leve,
sê lá no céo—a Esperança!

DOCE JAZIGO

—Limpida gotta de orvalho,
que tremes nessa corolla,
como um gorgeio no galho,
como um trinado na viola,

desejo que tu me fales:
d'essa flor qual o martyrio?
—Eu sei!? não nasci no calix
perfumoso d'este lirio...

—Mas, não sendo a flor quem chora,
a tua origem qual foi-te?
—Sou a lagrima da aurora
na sepultura da noite!

Sim, quando ao longe apparece
um vago, dubio lampejo,
—da noite a ultima prece,
da aurora o primeiro beijo,—

e assim desata-se o laço
de negras, pesadas côres,
a noite morre no espaço
e jaz... no seio das flores!

A essencia pura e cheirosa,
feita de sonho e mysterio,
sobe do seio da rosa
mas desce de um seio ethereo!

—E este que anceia e palpita
sem outro que o entenda e acoite!...
Ergue-te á esphera infinita,
dá-me o teu tumulo, noite!

ULTIMO SONHO

Foram-se as illusões. Uma por uma,
tombaram já no abysmo da descrença,
pelos meus labios sacudindo a espuma
de uma saudade dolorosa e immensa!

Busco-as ainda, mais debalde anceio,
Sobre a voragem me debruço e espio:
vejo um oceano de amarguras cheio
neste meu peito de illusões vazio!

E que tristeza indefinivel esta
que sinto em ancias regelar-me agora!
Doideja o mundo, em delirante festa,
emquanto aqui esta alma pensa e chora!

Chorar! por que chorar? Prantos, sumi-vos,
e calae-vos, soluços! É tão cedo!...
Quero ter parte nesses sons festivos,
transpôr os muros d'este vil degredo!

A estrada é longa, e ainda mal enxuta
do fresco orvalho de outras eras mansas...
Quero viver: o que és, ó vida?—a lucta!
Quero luctar: que falta-me?—esperanças!

Ergue-te, ó alma, vamos! a caminho!
Aprompta as velhas armas de combate,
antes que d'este carcere mesquinho
o sonho derradeiro se resgate!

Oh!... pareceu-me ouvir... mas com effeito
resôa, perto, um dobre funerario...
Estremeço de horror! É no meu peito
essa lugubre voz do campanario!

Sai um cortejo... Tudo emfim comprehendo!
Esta morada em lucto cerra a porta...
E então minha alma prostra-se, gemendo,
sobre o jazigo da Esperança morta.

LAGRIMAS DA AURORA

I

Vivem um seculo na dor de um dia...
vivem um dia no prazer de um anno...
E eu sempre conto, num fatal engano,
hora por hora a intermina agonia!

Não chores, alma, vai, segue a bravia
onda que ruge neste largo oceano!
O sonho passa num galope insano
e logo a eterna noite principia!

Olha em torno de nós, não tenhas medo:
tudo desfere uma canção sonora,
a lympha o prado, as flores, o arvoredo.

Vamos sorrindo pela estrada a fóra.
«É tarde» dizes. Antes fóra! *é cedo:*
o dia apenas despontou agora!...

II

Banhae-me ainda a procellosa mente,
aureos sonhos de amor e claridade!
Tornae-me em chamma os gelos da saudade,
mudae-me em riso as dores do presente!

Sonhar!... mas para que?! quando se sente
o fel, que o peito gotta a gotta invade!...
Deus! pungirdes tão cedo a mocidade
é pôr num berço o ninho da serpente!...

Trahindo as queixas da alma, a voz levanto,
e o coração, que escuto noite e dia,
rege o compasso ao vaporoso canto...

É natural que o verso chore e ria,
pois a alma sinto quasi morta, emquanto
o coração apenas balbucia!...

SAUDAÇÃO

EM UM ANNIVERSARIO NATALICIO

Cesse da magua a perennal torrente,
cale-se a endeixa que a afflicção murmura,
para escutar-se, clara e sorridente,
a triumphante marcha da ventura!

Hoje, que em todos a alegria expande
as almas em dulcissima harmonia,
seja-te a sorte amiga quanto é grande
o horizonte sem nuvens deste dia!

A mocidade é bella como a aurora,
que orvalha as flores e desperta os ninhos...
Quizera eu ter, para saudar-te agora,
a voz das harpas e a dos passarinhos!

A senda do porvir é ampla e enorme,
e a tua sina auguro-t'a risonha.
Descança em tua fé, — como quem dorme!
E segue além, feliz, — como quem sonha!

O POETA

Do seu formoso e magico Talmude
essas lendas tão cheias de harmonia,
onde elle sonha e canta, e dia a dia
lamenta as illusões da juventude,

traduzem — riso e dor, qual ambrosia
que após deixasse o travo da cigude...
qual um hymno vibrado no alaude
repercutindo ao longe uma elegia.

Toda a sua alma é luz! Sua existencia
traça um poema de amor, que se consumma
na eternidade. E quem lhe sabe a essencia?

Da lyra o canto e da alma o sangue escorre,
tingindo as fragas, onde o poeta, em summa:
ama e sonha e padece e canta... e morre.

PERDIDA

Triste soluça, repassando em mente
a sua vida tormentosa e prava,
cheia de nodoas que o chorar não lava,
do mais — vazia como um ermo ingente!

E pesa na alma, — dantes pura e crente,
hoje tão sceptica e do vicio escrava, —
essas doçuras que ella então sonhava,
esta amargura que ella agora sente!

A sua historia, negra e simples, corta
a quem mais rijo o coração possua,
pois aquella alma sem destino, — morta,

sob o sudario da alva pelle — nua,
é como um cégo que, de porta em porta,
vaga arrastando-se de rua em rua.

MENDIGOS

Rasgando os pés na pedregosa estrada,
pungindo o seio na avenida agreste,
sob os andrajos que teu corpo veste
queixas-te exhausta da cruel jornada.

Levas a cega, a pobre mãe amada,
unica amiga que a teu lado reste...
E tu — destino quasi egual tiveste:
Olhas ao longe... que vislumbras? nada!

Enxuga o pranto por momentos, dou-te
a esmola humilde que possuo, embora
mais pobre eu seja nesta escura noite

que tu, creança, nessa triste aurora:
— buscas o pão, que sempre a ti faltou-te,
— eu busco as crenças, que já tive outr'ora!

A HUMANIDADE

Essa tão nobre escrava, essa tão vil rainha
dentro em si mesma um Job, perante o mundo um Creso,
pelo berço e pela alma unida a mim e a Deus,
amo-a por sua sã natura,—e tal a minha;
amo-a com a mesma força e jus com que a desprezo
por seus erros,—e são, nem sei, talvez os meus!

PHALENA

Vamos por esse campo esmeraldino,
dourando as azas no fulgor do espaço,
colher a palma do destino.
O meu amor pede outro amor...
Vamos colhel-o no regaço
da linda flor!

Quanta luz, quanto aroma nessa veiga!
O sol, as moitas, a macia alfombra,
o manso rio, a brisa meiga,
cantam em côro um bello carme,
qual se espreitassem minha sombra
para saudar-me!

Leve e de manso vou pela balseira,
ouvindo as falas de dulçor tão brando...
Corro, outras vezes, tão ligeira
que até as auras desafio,
e excedo as sylphides, bailando
em rodopio...

Segreda a lympha:—Ó iris multicôres,
sobre as azas suspenso, não te canças?
beija o crystal de espumeas flores,
oh! beija-me antes de partires!—
E eu passo sobre as aguas mansas
tal como um iris...

A meiga aragem diz: — Tu, que eu abraço
como uma flor que, de repente, viva,
abrisse as petalas no espaço,
a quem procuras, flor volante? —
Respondo: — Busco a flor captiva,
a minha amante!

Além me chama a rosa, que delira
no mesmo fogo que o meu ser devora...
Eu busco, ardendo, aquella pyra.
Podesse alli morrer exangue,
— como uma estrella numa aurora
tinta de sangue!

Entre a folhagem rórida me chama
da nevada cecem o lindo collo...
Collo de neve acceso em flamma,
flamma que busco, ardendo em zelo,
— tal como um iman busca o polo
no mar de gelo!

Do casto lirio prendo-me ao encanto.
Que olhar choroso, de um azul tão mago!
Vamos sorver aquelle pranto,
occulto alli por entre a sebe,
— como uma nuvem sobre um lago
se inclina e bebe!

Esta sêde de amor que tenho é tanta,
e a curta vida é para amar tão pouca!...
Vamos, pousando em cada planta,
pelas balseiras d'estes valles,
roubar um beijo a cada bocca,
beber o alento em cada calix!

E a phalena partiu, batendo as azas
leves, afflantes, como ventarolas
feitas, minusculas, de gazas,
cobertas de uma poeira fina.
Olentes, riam as corollas
pela campina.

E eu disse, olhando as duas adejantes
pequeninas palhetas de pintura,
telas artisticas viajantes,
e acompanhando-lhes as valsas,
até perdelas na espessura
das verdes balsas:

—Ser inconsciente e imbelle! que os nectarios
flóridos nutrem, sonhas, na fragrancia,
e és mais feliz que os millionarios!
Feito de graça e de poesia,
tu symbolisas na inconstancia
a Phantasia!

Outros, dotados da Razão, gigantes,
seres a quem o bello Ideal fascina,
queimam as azas.—doidejantes
como a nocturna maripôsa!
—e guarda-os, grandes, pequenina
urna de lousa!...

DOENTE

Podesse aquella, cujo nome então
na alma, adoçar-me o fel d'esta amargura!
Sou a andorinha a desprender o vôo!...
Tu ficas, ó natura!

Podesse um fio do teu verde manto
vestir o poeta, que teus sons murmura
como um echo a sumir-se, um vago canto
de saudade e tristura!...

Podesse a luz do teu sonhar infindo
tirar-me aos olhos esta venda escura,
deter-me o sonho que me vai fugindo!

O ALBUM DA EXISTENCIA

Extranho livro! anonymo e sem titulo,
encerrando em tres folhas o problema...
Cada folha, talvez, fecha um capitulo,
e todos tres um mysterioso poema!

Que estranha lenda se acha nelle escripta?
Do flammeo verbo a luz? Quem ha de lel-a?
A céga humanidade, que dormita
na noite da alma sem clarão de estrella?

∴

Lá vem surgindo a bella madrugada,
afastando subtil os véos do oriente.
Expande-se-lhe a flor de uma risada
do rubro labio juvenil e ardente.

Em clara estemma a luz cinge-lhe o rosto
e no olhar se concentra em doce raio,
Orvalhadeira das cecens de agosto,
ella é que rega os bogarys de maio.

Abrindo o seio, geme de mansinho,
um segredo de olor cada corolla.
Em cada ramo se balouça um ninho,
de cada ninho uma canção se evola.

E pelo espaço infindo uma cadeia
de aroma, canto e luz rola e divaga:
á viva estrophe terrenal se enleia
a rima de ouro da siderea plaga.

Eis que assoma um archanjo. Eil-o ahi breve,
baixando á terra num sublime arranco,
e, abrindo o livro mansamente, escreve
na prima folha — que inda estava em branco.

Depois, alçando-se num vôo ethereo,
sacode pelo azul as niveas azas...
Com que tintas traçára esse mysterio?
as do arrebol? ou o esculpira em brazas?

Chega um infante. O seio lhe palpita
de ignota commoção. Curioso avança
e consegue naquella rosea escripta
soletrar meio timido: — Esperança!

Lá fóra tudo esplende. A mata escura
a voz da rola se abre e se illumina.
E canta o sol, erguendo-se na altura,
uma inspirada e loura cavatina.

Por toda a parte a joven primavera
espalha um riso e a força, a luz e um hymno.
Dá vida ao cardo a fraga adusta, e a hera
encontra seiva na muralha a pino!

De novas galas o vergel se touca.
O bosque — rei senil — muda de farda.
Cada botão descerra a olente bocca,
— para dizer-nos que o verão não tarda!

A beijar esse labio que desbrocha,
acode o colibri, chega a phalena.
Vê-se um campo de musgo em cada rocha,
em cada tronco uma floresta plena!

Oh! vida terrenal!... Régia natura,
como latejam, forte, essas arterias!...
E que affecto vivaz brilha e murmura
no mar, na terra, nas regiões sidereas!...

Eis que de novo pisa esta avenida
o archanjo. Traça noutra folha um nome,
volvendo aquella que já fôra lida.
Depõe a penna e na amplidão se some.

Esquece a moça os sonhos de menina.
Corando, presa de emoção immensa,
sobre a pagina sua então se inclina
e lê, radiante, em lettras de ouro : — Crença !...

Pleno estio. O sabiá e o sol e a rosa
cheios de aroma brilham num descante.
Que banquete ! Dir-se-ia que desposa
Venus garrida a Jupiter tonante !

Que forte seiva pelos troncos arde !...
que debil graça pelas flores ri-se !...
Mas... vai-se o dia p'ra que venha a tarde :
fructo houvera se a flor sempre existisse ?

Das cinzas quentes de uma florea pyra
renasce a vida. A terrenal matrona
cinge novos laureis, qual se surgira
da cabeça de um Jove uma Pomona.

Deusa ou Nimpha, uma etherea camponeza
desce dos seus olympicos pomares,
e pelo campo extende a lauta mesa
servida em honra aos incolas dos ares.

Vão exhaurindo o seio, em farta messe,
as verdes Ceres do feraz outono.
A alma do mundo aos poucos esmorece,
o corpo do titã pende de somno.

O inverno aponta já, lúrido, esguio.
Despe-se o bosque da gentil roupagem,
e os ramos, quasi nús, tremem de frio,
ao sopro agudo da gemente aragem.

Nos flocos da nevada, lá por fóra,
crescem as cães da velha natureza;
da terra a face engelha-se e descora.
E tudo á mingua de uma flamma accesa.

As nevoas choram, e um fulgor distante
atravez d'essa magua se presente;
empunha o tempo um facho no levante...
Depois um cirio lá no fulvo poente.

Descamba a tarde. A fimbria do horizonte
ouve a suprema confissão do dia.
Por sobre o mar, a veiga, a selva, o monte,
paira um adeus repleto de harmonia.

Eis o archanjo de volta. Vem tão cedo!...
Na pagina final um nome imprime,
— ultimos traços, ultimo segredo!
E bate as azas pelo azul sublime.

Um nobre ancião de aspecto reverendo
pega do livro, cheio de anciedade,
e, a custo os negros caracteres lendo,
exclama triste, a meia voz.—Saudade!...

E' noite. Surge além, pallida, a lua.
Como uma tocha de clarão funereo,
seu frio olhar sem côr, mesto, fluctua
pela mansão feral do cemiterio.

Choram os sylphos perolas de orvalho.
Quebrando a paz que reina sobre as cousas,
soluça e geme do cypreste o galho,
mas nada accorda as adormidas lousas.

***

És céga, humanidade! és céga a tudo!
Arranca a venda que teus olhos tapa!
Vês esse livro que, fechado e mudo,
dorme tranquillo sob a negra capa?

Em cada folha, aquella mão serena
por Deus mandada á capital medonha
com as mesmas tintas e com a mesma penna
traçou de leve esta palavra:—SONHA!

ESQUIVA

Lá no céo não existe um sol tão claro
como a luz d'esse olhar, frio e severo,
no qual imitas o rigor de Nero
e crente eu busco, dia e noite, amparo!

Nesse agudo punhal me dilacero
com dorido prazer, num goso amaro,
vivendo nestas, de que nunca saro,
chagas o sonho de Leandro e de Hero!

Mas por que foges? se a tão pouco aspiro!
se, para eu ver, no bárathro em que moro,
só peço a luz do teu olhar mais diro!

Debalde, ás cegas, na amplidão procuro
guia, esperança, — estrella, meteoro...
Não ha no céo anileo um sol tão puro!...

UM SOLDADO BRAZILEIRO

Episodio do assalto á fortaleza de Humaytá, durante a guerra do Paraguay

Entre fumo e trovões, só da morte fulgura
o sanguinoso olhar — que entenebrece o dia.
Mas de encontro ao dragão, como ferrea cintura,
nossa turba arremette, impavida e bravia.

Aqui range o machado, em frente á bateria,
as arvores arreia, os invios bosques fura,
— pois não bastam p'ra encher o fosso que a sitia
os corpos cheios de alma e cheios de bravura!

De subito uma bala, em formidavel ronco,
apeia por seu turno um já ferido tronco.
Aos pés do rachador cahira a mão do raio.

Volta-se rindo, calmo, o heroico pontoneiro
e diz soberbo e grande: — O ferro paraguayo,
vêde, agora cortou melhor que o brazileiro!

DOIS MUNDOS

Tens a estrella no olhar, e d'elle brota o lirio;
tens a rosa no labio, e nelle aponta a aurora.
Quando ri, este mostra os astros de um empyreo;
e da alva aquelle tem o orvalho, quando chora.

E assim, conforme um hymno o coração te enleva
ou te sombreia a face o véo de uma elegia,
no teu olhar diviso a flor e a luz e a treva,
contemplo no teu labio a flor e a noite e o dia.

1891.

IDYLLIO

As notas que tu desatas
têm fulgor, sem o sentires,
como as sonoras cascatas
—onde esplende um arco-iris.

Junto a ti, as outras vozes
calam-se, cheias de espanto
perante as metamorphoses
de som e luz de teu canto.

Nem precisas cantar, mesmo
acompanhando o violino:
basta que fales, e a esmo,
para se ouvir logo um hymno!

Eu guardo, emquanto conversas,
as solfas que pronuncias:
douradas folhas dispersas
d'um album de melodias!

Ouço até, quando emmudeces,
murmúrios, sons indecisos:
os teus olhares são preces,
são odes os teus sorrisos.

Não me causa isso extranheza.
No silencio mais profundo
fala a voz da natureza,
resona baixinho o mundo.

Desce do céo, mudo embora,
uma harmonia sem par.
Tem-na o sorriso da aurora
e tem-na o pranto do luar!

Em todo este orbe, — gigante
que tem por filhos pygmeus, —
sente-se o sopro flammante,
ouve-se o verbo de Deus!

Em toda a parte elle existe.
Dá luz e vida aos espaços...
como ao peito meu, tão triste,
dás vida e luz em teus braços!

Só elle (pois adivinha)
sabe a paixão que te voto:
viva como a vida minha,
funda como o céo remoto!

Até lhe apraz que meu culto
compartilhes, — neste altar
onde guardo, anjo, o teu vulto!
— por te não poder guardar!

1891.

SOB A NEVE...

Teu collo virginal, onde fluctua
uma canção de mysticos olores,
é como um céo quando desbota as cores,
um mar de gelos ao clarão da lua.

Por mero instincto, sem que eu nisto influa,
meus olhos — dois rivaes patinadores —
deslisam nelle, e quedam-se, em tremores...
Reina um inverno na planicie nua!...

E emquanto a vista tremula divaga,
cega de branca luz, morta de frio,
pelo deserto da nivosa plaga...

minha alma, — que mais vê e a mais se atreve, —
toda se inflamma, como ao sol de estio,
nesse vulcão que dorme sob a neve!

MINHA SENTENÇA

Para pintar-te ao vivo as minhas penas
e descrever-te o meu amor insano
não tive o lapis do immortal Ticiano
nem a voz de ouro das gentis sirenas.

E ousei narrar-te o melindroso arcano!
Mil cousas disse — eternas cantilenas —
que se continham numa gotta apenas
mas abrangiam todo o largo oceano!

Eu ia então saber o meu destino.
Teu labio, que a falar canta, calou-se...
Porém, disseste nesse olhar divino

uma palavra, que eu achei tão doce!...
O céo não deu-me por sentença um hymno,
fêl-a de luz, e o sol foi que m'a trouxe!

MAXIMUM

Que pena! não haja um verso
onde caiba o amor escripto...
Fôra maior que o Universo
e immenso como o Infinito!

BUCOLICA

O meu desejo constante
é bem simples e innocente;
ver-te, amada, a todo instante
e ouvir-te constantemente.

Fôra então, em vez de abrolhos,
a existencia um paraiso,
cheio da luz dos teus olhos
e do aroma do teu riso.

Um sonho azul e dourado,
um conto de fadas, lindo:
eu, venturoso a teu lado,
e tu, feliz me sorrindo...

Sendo, porém, utopia
essa idéa tão fagueira,
na ventura de um só dia
resuma-se a vida inteira!

Vamos correr pelos campos,
— céo crivado de violetas,
onde á noite os pyrilampos
semelham vivos planetas.

Vamos assim, lado a lado,
colhendo flores a eito:
tu as boninas do prado,
eu as notas do teu peito.

E esse thesouro, que eu guardo,
dentro em mim canta e suspira...
Ês tu, minha amante, o bardo:
eu sou apenas a lyra!

1801.

AZAS E SONS

Cupido deu-te uma setta,
mimosa e brilhante farpa
com que tu vibras no poeta
as cordas tremulas da harpa.

De cada vez que m'as tanges
(e é toda vez que te vejo)
sobem aos ares phalanges
d'azas, num mystico adejo.

São azas de borboletas,
que vão-te em roda voejar
até que emfim as derretas
na flamma do teu olhar.

A cada accorde perfeito
(e é quando p'ra mim sorris)
batem as azas, de geito,
ruflando, dois colibris.

E vão, mensageiros sabios
d'esta paixão cega e louca,
colher o pão dos meus labios
na rosa da tua bocca.

Se ás vezes te molha o pranto,
uma escala em tom menor
sôa em mim, e doe-me tanto
que um anno escuto-a de cór!

Então, pois que sinto e abranjo
a tua dor em meu seio,
abrem-se as azas de um anjo
para arrancar-te do anceio.

É o anjo da confidencia,
que vae-te roubar a dor.
Qualquer que seja, elle vence-a;
e traz-m'a, seja qual fôr!

Cada perola que aljófre
a corolla de teus lyrios
é minha, guardo-a no cofre
immenso dos meus martyrios.

Para que tu não a sintas
sinto-a eu, commigo levo-a.
Um céo de tão puras tintas
não deve toldal-o a nevoa!

Quando te quedas pensando,
a ver pelo azul infindo
tuas idéas em bando
ethereo e calmo subindo;

julgo, emquanto te contemplo,
ouvir os sons de uma prece,
as vozes santas de um templo
que só minha alma conhece.

E n'esse enlevo te sigo,
tal como o pó segue o vento,
abraçando-me comtigo
nas azas do pensamento.

Ás vezes, como as creanças,
tenho tambem meu capricho:
escondo-me em tuas tranças,
feito um santo em areo nicho!

Quasi me afoga esse ambiente
nas nuvens densas de aroma,
que sobem á minha mente
e descem da tua coma.

Esse fluido casto e morno
um canto na harpa improvisa,
que vai-te adejar em torno
nas leves azas da brisa.

Ha momentos em que as hordas
d'essas volantes escalas
parecem morrer nas cordas...
Sirena, é quando tu falas!

Tudo emmudece, ao falares,
faz-se silencio em redor.
Desce a calhandra dos ares
para escutar-te melhor.

E a teus pés minha alma tomba,
submissa á voz que a dirige,
como aos pés de nivea pomba
as negras azas da estrige.

Dizer-te o que sinto, quando
tu cantas, era preciso?
Não é o teu falar, tão brando,
uma canção de improviso?

Sendo assim, faze uma idéa
d'esse poema sobrehumano
que ouço em tua melopéa
unida ás vozes do piano!

Não sei que magico harpejo
corre-me todas as fibras.
Não sei, mais sinto, prevejo
que és tu, creança, que o vibras!

Após essa leve bulha
minha alma aos poucos desmaia...
como o mar, que além marulha
e morre beijando a praia.

Fico alheio ao que me cerca,
e a tudo que em mim exista.
Mas nada faz com que eu perca
a tua imagem de vista!

Teu canto ressumbra affagos
e os ares tremem de goso,
como estremecem os lagos
da brisa ao beijo amoroso.

Escuto-o como uma prece,
cheia de amor e meiguice,
que a voz dos anjos dissesse
e o teu labio repetisse.

Então, emquanto desatas
a inspirada cavatina,
que enchêra de luz as mattas
e de olores a campina;

emquanto assim vôas, leve,
no teu arroubo sublime
que nem a prosa descreve
nem o verso de ouro exprime,

e sobes á plaga extranha,
onde não chega o condor...
minha alma á tua acompanha,
presa nas azas do amor.

1891.

FERIDOS NA AZA

Não posso crer-te, amigo, quando dizes
que essa gentil mulher não te incendeia...
que é medonho o seu rosto de sereia...
que em ti o amor jámais criou raizes...

Falas nisso demais para que o creia.
Tambem eu, noutras eras mais felizes,
sem conhecer do amor as cicatrizes,
de alguem dizia, meio a custo: «—É feia...»

Mas hoje adoro-a, prendo-me ao seu passo.
É que eu, zombando d'esse ignoto laço,
já preso estava sem suppôl-o ainda.

Não creio, pois, embora me asseveres,
em ti, que exalças todas as mulheres
e chamas feia á que achas a mais linda.

SUPREMO GOSO

Penso no doce instante de ventura
em que te cingirei, anjo, nos braços
e então, labios unidos, olhos baços,
peitos num só, na languidez mais pura,

vogaremos perdidos lá na altura,
ao som de aereos, tremulos compassos...
livres, bem livres dos mundanos laços,
longe, bem longe da prisão escura!

Mas pergunto a mim mesmo, duvidoso,
se depois de galgar, emfim liberto,
um tão sublime céo de puro goso

poderei, tal denodo em mim exista,
voltar ainda ao pó d'este deserto
que ao longe extende-se a perder de vista!...

A TAÇA

Aquella branca sylphide me accorda
do profundo lethargo em que eu jazia.
E logo me enche até a borda
d'aureo licor... Ai de mim! vêde
que ainda estou, como vazia,
morta de sêde!

Cheia me olhando, previamente gosa
a liquida doçura em mim contida...
E eu lhe contemplo a setinosa
bocca febril, que adoro tanto,
rubra de sangue, ebria de vida,
cheia de encanto!

Vou emfim aplacar esta perenne
sêde que traz-me semimorta e louca.
Vou-me afogar nessa Hippocrene,
como uma taça noutra taça,
como uma bocca noutra bocca
— mutua mordaça!

Ergue-me ao labio, attinjo as suas bordas...
Oh! minuto que espero em tanta freima!
Que brusco arpejo vibra as cordas
d'esta minha alma crystallina,
— arpejo flammeo, que me queima
e me illumina!

Que delirio de afagos! que loucura!
A cada sorvo, dois amantes vejo,
ebrios de goso e de ventura,
almas unindo-se num laço,
corpos num só, no mesmo beijo,
no mesmo abraço!

Mas ah! bem sei que inutilmente afago-a
e beijo-a como a brisa beija as flores!...
O orvalho seu — licor ou agua —
no seio meu bebe-o contente,
porém minha ancia e minhas dores
ah! nunca as sente!

Logo esquece-me, assim que eu fôr vazia...
Mas que importa!? se fico, após beijal-a,
farta de nectar e ambrosia,
tonta de amor, calma e ditosa,
cheia da essencia que se exhala
d'aquella rosa! —

Em seu enlevo, a taça crystallina
assim falava, entre febris amplexos,
vibrando, tremula, em surdina,
uma canção chorosa e doce,
e desferindo aureos reflexos...
Depois calou-se.

E eu disse-lhe invejoso: — Feliz taça,
que lhe beijaste a bocca trescalante,
ninho de amor, volupia e graça!
Feliz! sugaste-a como um polvo!
Se eu de repente, noutro instante,
em ti me volvo!

Se em ti me volvo! se ao meu sol descubro
aquelle roseo berço, onde deponho
— como nas valvulas do rubro
nacar a perola adormida —
os meus desejos, o meu sonho,
a minha vida!...

NO JARDIM

A lingua das flores, meiga,
nunca maldiz, sempre louva.
Rico salão: toda a veiga!
E o teu jardim: linda alcova!

Escuta o que diz o cravo:
—Senhora! por que me deixas?
Eu quero ser teu escravo:
prende-me em tuas madeixas!

Alli murmura o junquilho:
—Que visão radiosa e casta!
naquelles olhos que brilho,
como um diamante, se engasta!

—Que andar tão leve e tão manso!
que collo, diz a açucena,
flexivel como o de um ganso!
vibratil como uma penna!

Segreda a roxa violeta:
—Prefiro a dor, se me arrancas,
aos mimos da borboleta!
Colhei-me, ó garras tão brancas!

O manacá e o narciso,
anciosos por que lhes falles,
abrem o labio num riso,
o aroma entornam do calix.

A alva magnolia te espia,
debruçando-se no galho.
Em cada folha a alegria
tange o ruidoso chocalho.

O alecrim, o nardo e o louro...
a baunilha, a acacia e o lirio...
Nas folhagens, que thesouro!
nas corollas, que delirio!

Incensam-te a murta e a malva
seus thuribulos em festa.
A rosa inclina-se e salva.
E tu não sabes? modesta!

Debaixo da chuva de ouro
do sol, que no azul caminha,
ouve-se um subito côro:
aquella é nossa rainha!

Nesse côro, a frente assume
a rosa; bocca encarnada
que, ao te ver, viço e perfume
pede — ao sangue da alvorada!

Pede-te, illusa e sincera,
julgando sejas a aurora,
o orvalho que a desaltera
e o rosiclér que a colora!

Vê cada flor te sauda,
mal no jardim te presente!
— linguagem mystica e muda
mas para mim eloquente.

Vamos alli para a sombra,
e, sob o tecto das ramas,
juntos, pousados na alfombra,
quero que digas que me amas!

Solta do labio o segredo,
que em teu olhar advinho!
Perde, creança, esse medo!
Dá-me a beber esse vinho!

A aurora, a minha desponte.
Tanto mysterio que fazes!
Mata-me a sede na fonte,
meu Horeb e meu oasis!

OLHOS AZUES

A luz do teu olhar
é o sol que me alumia
faz-me da noite o dia,
faz-me do dia o luar!

Conheço um só Nascente
e apenas um Occaso:
— se junto a ti me abrazo!
— se estou de ti ausente!

Muitas vezes a magua
lá dos antros se eleva,
afogando-me em treva
e meus olhos em agua.

Mas, apenas te fito,
vai-se a dor, vai-se o mundo,
naufragados no fundo
d'esse olhar infinito!

Sempre avisto, suspensa
entre as nuvens da sorte,
essa alampada, forte
como a luz de uma crença!

Neste perfido mar
de crueis agonias
tu me salvas e guias,
doce estrella polar!

E, por isso, Consuelo,
meu amor é tão grande
que meu peito se expande
mas não póde contel-o!

Dos páramos sublimes,
anjo, um dia desceste,
e o fado cumpres neste
chão de dores e crimes...

Desces, e eu subo, vês?
A alma vai-me em delirios,
ao clarão de teus cirios
cheios de languidez,

pelos plainos celestes
infinitos e calmos,
desfolhando-te psalmos,
que de brilho revestes

e de aromas innundas...
Vôa, segue entre o bando
das chimeras, cantando
pelas plagas jucundas...

Após o devaneio,
demanda a paz dos ninhos:
vai pousar entre arminhos,
na mansão de teu seio.

E jámais se ergueria
do seu leito de opala,
que em brancuras eguala
a brancura do dia,

se não fôra essa aurora,
que dos olhos derramas,
accordal-a, entre chammas
de um fulgor que devora!

Tu me matas e abrazas
nessa luz de que eu vivo!
Mas serei teu captivo,
pois queimaste-me as azas!...

Não mais me restitues
a liberdade ausente,
perdida cégamente
nesses lagos azues,

tão limpidos, tão mansos,
de um socego traidor,
— onde as cymbas do amor
navegam sem balanços,

sem recifes e vagas,
sem tufões e nevoeiros...
Mas ai! dos marinheiros
que buscam essas plagas!

Lá quando se approximam
do termo bom da viagem,
não sopra mais a aragem
e prende-os, forte, um iman!

Eu não sabia d'antes
que alli ha magnetismo...
Correi d'aquelle abysmo,
incautos navegantes!

Correi, não vos importe
o meu fatal destino.
Se a vida que imagino
procuro-a nessa morte!

Deixai-me descançar
nesse azul mausoléo,
— que é, p'ra mim, como o céo
enlaçando-se ao mar.

Céo e mar — d'uma côr,
abraçados, sorrindo...
que sepulcro tão lindo!
e que leito de amor!...

Ahi, depois de morto,
guarda-me bem querida!
tal como, agora em vida,
faço-te o manso porto

— que teu vulto navega
em perenne jornada —
nesta, ó sol, deslumbrada
retina, quasi céga!

Mesmo cégo, ao lembrar-te
heide ver, como agora,
a todo instante a aurora,
a luz por toda parte!

PERGUNTA

Leste os meus versos,—musica singella
de um pobre coração que por ti bate,
e me inquiriste ingenua:—Como o vate
sabe dizer-nos tanta cousa bella!?—

Pergunta á flor da noite, á linda Hecate,
como de ouro ella borda a immensa téla!
Basta um olhar que o sol reflicta nella
para fazer que o mundo se arrebate

nas harmonias, de doçura tanta,
d'esse poema de luz que ella nos canta!
Assim, quando teus olhos em mim pousas,

recebo a claridade de que vivo,
—minha alma te reflecte. Eis o motivo,
de eu dizer-te, cantando, bellas cousas.

MADRIGAL

O vate é o paciente ourives,
que a flor na joia cinzela:
aqui mais pura revives
que a flor mais pura e mais bella.

Não ha mais linda corolla
nem ha mais candida essencia:
de teu labio é que se evola
o olor de minha existencia.

Deixa-me ouvir a harmonia
que só teu labio floreia.
Ès o genio da poesia,
musa em forma de sereia.

Não ha nas varzeas papoula
mais rubra, rosa mais viva
do que essa viva caçoula
d'onde meu estro deriva.

D'essa harpa vermelha as notas
vibra-me! vibra essas facas!
Sangue que nunca te esgotas!
sêde que nunca te aplacas!

Balsamo santo das dores,
pura caçoula de incenso:
leva-me d'estes horrores,
nas tuas nuvens suspenso!

Halito feito de um misto
de aroma e doçura e enlevo:
ao teu bafejo é que existo!
ao teu impulso é que escrevo!

PARTIDA

Junto de ti, sempre esqueço
que o tempo vôa e não para...
Partir! eis o duro preço
para a alegria, tão rara!

Logo tu ficas e eu vou-me...
Logo a ventura se acaba,
minha alegria se some,
todo o castello desaba!

Não pode ser definida
esta existencia illusoria...
Sempre a morte presa á vida,
a tumba aos pés da victoria!

Se na alma escuta-se um hymno,
responde o alaude um threno...
Após o nectar divino,
o resaibo do veneno!

Bastava a negra orphandade,
que dor agora me espera?
Sem teu favonio, como ha de
romper, o abysmo a galera?

Como é lôbrega a vertigem
do vortex! que fauce horrenda!
Sem teu pharol que a caligem
vare e na treva resplenda!

Em torno, sombras, a guaia
das ondas, nuvens... E em frente?
Que arrecifes? Onde a praia?
Onde a estrella que me oriente?

CANÇÃO TRISTE

I

Meu coração, que já pulsas
exhausto e tão dolorido!
esquece as maguas convulsas!
deixa os tormentos no olvido!

Evola toda a harmonia,
todo o dulçor de tua harpa!
Alguem te escuta. E, sombria,
se esconde a Morte, na escarpa.

Distante embora, alguem te ouve,
e, com os olhos cheios de agua,
bem sabe que inda não houve
num coração tanta magua!

Antes que pares vencido,
povôa tua orphandade:
Muda em flor cada gemido!
cada lucto em claridade!

II

A ti, piedosa, o gorgeio
d'estas estrophes consagro,
calcando, estoico, no seio
a dor do exilio mais agro!

Acolhe o passaro implume
no peito candido e amigo!
que eu trago sempre o perfume
d'esta saudade commigo!

Alma formosa, me inspira!
minha alampada, meu astro!
Borda-me o céo de saphira,
esmalta-o, flor de alabastro!

De sobre a tábida alfurja
d'este mundo deleterea,
a tua effigie me surja
como uma estrophe siderea!

Onde remanso mais puro,
onde consolo mais santo
que o teu amor, que eu molduro,
e a tua imagem, que eu canto!?

No pranto que me consome
cravo a flor do teu sorriso!
e invoco, crente o teu nome
em cada estrepe que piso!

Neste lucto, és-me a familia,
e, neste Averno, és meu ermo.
Unge-me, na atroz vigilia,
o éxul coração enfermo!

Adoça-me o paroxismo,
que eu as lagrimas estanco.
Ah! meu tormento é um abysmo
e meu soluço é um arranco!

O vago horror da ancia extrema
analyso-o de hora em hora.
Essa Duvida me algema
e este Medo me devora!

O sevo abutre a meu lado,
eu no Caucaso seguro...
Para as penas do passado
este presente!? e o futuro?...

Sempre, em tua alma tão mansa,
um cysne fiel sobrenade:
da minha dor a lembrança,
do meu amor a saudade!

Seja-te elle como um anjo
da guarda, tua custodia!
o amor que de rimas franjo
para dourar-lhe a prosodia!

E o nome d'este que soffre
maguas que Deus é quem sabe
teu coração dê-lhe o cofre!
e só comtigo se acabe!

Acolhe o passaro implume
no peito candido e amigo!
que eu talvez vá-me, e o perfume
d'esta saudade commigo!

III

Meu coração, que já pulsas
exhausto e tão dolorido!
Esquece as maguas convulsas!
deixa os tormentos no olvido!

Evola toda a harmonia,
todo o dulçor de tua harpa!
Alguem te escuta. E, sombria,
se esconde a Morte, na escarpa.

Onde remanso mais puro,
onde consolo mais santo
do que este amor que eu molduro,
do que essa imagem que eu canto!?

MEDITAÇÃO

No regaço da noite silenciosa
as estrellas vertiam mago pranto,
misto de luz e sonho, amor e encanto.
O céo era uma immensa nebulosa.

Tu meditavas, e o teu rosto, rosa,
tinha a expressão do morbido quebranto
que te realça a formosura. E emquanto
na assetinada mão, fina e mimosa,

reclinavas a fronte pensativa,
e as auras mansamente, em leve passo,
o collo teu gentil vinham beijar-te,

eu adorava-te em silencio ó diva!
E os astros todos, mysticos, no espaço,
como que em extase ante uma obra d'arte!...*

CONFIDENCIA

Á sombra da mangueira,
numa tarde de esplendidos fulgores,
eu te contava pela vez primeira
minhas intimas dores.
Pela arcada sombria do folhedo
filtrava um doce raio,
um tenue raio de ouro,
vindo beijar-te a fronte muito a medo,
em languido desmaio,
e enlaçar-se aos anéis de teu cabello,
que é menos fulgido porém mais louro.
Já não digo mais bello,
do que esse fio de ouro
da cabelleira rutila do dia.
Brincava-nos em torno a meiga aragem,
attenta ao que eu dizia,
anciosa por sabel-o,
e de leve movia na passagem,
num tremulo gemido,
o leque da folhagem
e a renda que adornava-te o vestido.
Meu peito ao teu unido,
unidos nossos rostos,
revelei-te um por um, em confidencia,
meus acerbos desgostos.
Perto de nós, no sonho da innocencia
um timido canario
vibrava uma canção,
pura e singella como os seus folguedos.
Tu escutavas, muda, os meus segredos.

Aquellas negras folhas da existencia,
folhas do meu breviario,
passavam-me de novo pela mão,
como rolam nos dedos
na mystica oração,
as contas, tambem negras, de um rosario.
Consola tanto sepultar-se a dor
no perfume de um seio,
no seio de uma flor!
Sim, ó flor virginal, consola tanto!
Ás ancias sobreveiu,
como que por encanto,
uma dulcissima, profunda calma,
quanto em teu collo desatei o pranto
que me afogava esta alma.
Sentia-me mais leve.
Porém, a calma dissipou-se breve:
lembrei-me com tristeza, após instantes,
que esse rocal de funebres diamantes
cobriria de lucto
o teu collo de neve.
Então meus olhos, tremulos e amantes,
perderam-se um minuto
entre bordados e gentis refolhos...
Teu seio estava enxuto.
E as lagrimas que os meus verteram antes
brilhavam nos teus olhos.

BARCAROLA

As ondas, em tremulina,
rolam a espuma na areia.
Em volta e ao longe, a surdina
de um largo côro vozeia.

O céo é limpido. A lua,
tremendo, o corpo de opala
despe a medo, e, toda nua,
no berço undoso se embala.

A noite estrellada tomba
pela amplidão dos espaços...
Meu amor, candida pomba,
reclina a fronte em meus braços!

É tudo que ha de mais doce
da tua face a meiguice.
Parece... é como se fosse
uma estrella que sorrisse.

O teu olhar é um consolo.
O teu sorriso é um afago.
Teus labios, em manso rolo,
matam a sede que trago.

Nesses coraes... a minha ancia
naufraga, e bebe na fonte.
São breves e é breve a estancia,
mas são-me todo o horisonte.

Nascente e Occaso, um é rubro,
e outro tambem, é escarlate.
Purpureos véos com que cubro
a negra dor que me abate!

O mundo já dorme, o hediondo.
Em ti minha alma descança.
És tu meu céo, onde escondo
minha luz, minha esperança.

Se te ouço a voz, qual um cantico
descido do céo aberto,
em ondas de sons — Atlantico
sorvido por mim — Deserto!...

Se a tua fala serena,
macia como um velludo,
faz-me abafar tanta pena
e deslumbrar-me de tudo!...

E se, quando rolam, quentes,
minhas perolas, dos cofres,
dizes: — Perdôa! inda sentes?
não lembres, que inda mais soffres! —

E esqueço o vórtice, a esguia
serpe que o toxico esvurma,
e as maguas, que, em demasia,
fazem até que eu não durma!

Esqueço esta arena, cheia
de fel, de pus e de virus,
onde a miseria pompeia
e o sangue nutre os vampiros.

Quanto gemido profundo!
Tantos golpes sem motivo!
E lembro, esquecendo o mundo,
lembro pasmo que inda vivo!

Almejo ver, longe ou perto,
uma extensão erma e vasta...
Tu enchas esse deserto
com tua sombra, e me basta.

Vogae, brancos astros, sobre
esse pélago nefando,
quaes sobre um charco salobre
os nenuphares boiando.

Chovei, sidereos diluvios,
por sobre esse mar bravio.
E emanem da alma os efluvios
como o sussurro de um rio.

A lua tomba no espaço,
tremula como uma prece...
Teu ninho, pomba, é meu braço.
A noite em mim alvorece.

O teu olhar é um consolo.
O teu sorriso é um afago.
Teus labios, em manso rolo,
matam a sede que trago.

Por que pensar na desdita,
quando, num vinculo estreito,
meu labio no teu palpita
e meu peito no teu peito!?

Por que desfolhar a messe
de maguas, da minha sina,
se inda teu seio me aquece
e teu olhar me illumina!?

CORDIS VOX

Longe da patria, e só, sem ninguem, sem familia,
quem me enxuga este pranto e quem me ouve esta magua!?
que mão vem-me cerrar a palpebra em vigilia!?
Febre e sede! não ha senão fel em vez d'agua!

Olhos para chorar, não para ver em torno,
Desconheço o matiz de minha propria aurora,
Trago meu triste olhar esmorecido e morno,
encravado na dôr que no meu peito móra!

O arrebol de meu céo põe-me o lucto em relevo.
Desenganado já!—que maldicto contraste!
Em que tinta molhar a penna com que escrevo
para que em minha estrophe o meu pavor engaste.

Piso de leve o chão; grave, faço-me lesto.
Lembro que em mim elle ha de ser pesado um dia!
O meu passo é de quem teme o encontro funesto!
é o de quem vai descendo essa escada sombria.

Que treva, que algidez, que mysterio o da vala?...
Que carcere é o esquife?—alarmado pergunto
quando, meu coração dentro de mim badala
sinistramente, como a tocar a defunto.

A PATRIA

Tão só deixaes-me, ó Azas! Andorinhas,
Saudoso o ninho, vos invejo o vôo!
Levais comvosco o meu anhelo e as minhas
Lagrymas, Filhas, mas vos abençôo.

Sempre vos seguirão, meus olhos tristes,
Almas que eu redimi do antro medonho!
Gottas de pranto que de mim cahistes,
Transmudei-vos em perolas de sonho!

Eu fico e vós partis! É vosso o espaço.
Vae-se-me em cada pluma um niveo beijo!
Azas: abri-vos! — sêde o meu abraço
Aquella que eu adoro e que não vejo!

Porto — (Fevereiro — 98.)

PLUMAS

POESIAS POSTHUMAS

SEGUNDA PARTE

SERENATA

Lua, nevada açucena
que entre jasmins desabrochas!
prateia as rimas da penna,
orvalha o cardo das rochas!

De effluvios de ether perfuma
as solfas da escura pauta!
Me afogue a dor a alva escuma,
— pó de teus pés — argonauta!

Que rumo segues tranquilla?...
Quantos arrecifes de astros!
Por que olhas tanto esta argilla!...
Aqui só se anda de rastros!

Vês-me, entre nós que carpimos,
tão escravo entre os escravos!...
E me namoras, dos cimos:
colho-te os beijos, — são favos!

Quem haverá que não ame
esse mel de que estás cheia!?
As estrellas... são o enxame
em volta de ti, — colmeia!

No altar anileo fulguras,
rosto de anjo! disco louro!
Compensa minhas agruras!
Sê bemdita: — moeda de ouro?

Que arroubo, meiga poetisa!
Que enlevo, argentaurea Phebe!
Sólta teu canto, improvisa!
Teu rócio lacteo se bebe!

Clarão macio e risonho,
de um branco azul opalino...
magico, bom como um sonho
e musical como um hymno!

Serena e doce poesia
vibrada em cordas de prata!
Quanto essa luz extasia
e essa ternura arrebata!

Melancolica Rainha!
mésta e gentil Magestade!
Em teu olhar se advinha
todo esse dó que te invade!

Tens-me ante o sólio, de joelhos!
só de impios réos não tens culto.
Banha-me os olhos vermelhos!
e aos impios... dá-lhes o indulto.

Não vejas tão estupendo
prélio que os mansos victima!
Eu, neste horror, nada entendo,
—prefiro olhar para cima!

Com que sorriso tão brando,
com que piedade tão nobre,
teus aureos paços deixando
vens ao tugúrio do pobre!

Trazer-lhe a esmola de um sonho,
a lenidade de um riso...
Dourar o inferno medonho,
fazer crer no paraiso...

Crer em mysticas espheras
onde não haja os rancores
nem os rugidos das feras!
—nem os soluços das dores!

Ditosas, longiquas plagas...
Remotas terras sublimes...
Mares de goso—sem vagas!
Mundos de amores—sem crimes!

Venturas santas que exalças,
dos céos immensos do mytho...
Lendas... bem sei que são falsas!
Mas, em te olhando, acredito!

Á MINHA ALMA

Guarda-as, para mostrar, quando te fores,
aos anjos, que de certo querem vel-as,
essas rosas que, exangue, brotas, pelas
urzes e estrepes d'este chão de horrores.

Como um branco asterismo — f'rol de estrellas,
Como um anthódio — flor de unidas flores,
será, no Além, o teu cabaz de dôres.
Mas não tentes ao mundo descrevel-as.

Quem t'as ouve ou t'as vê por mais que chores?
mil dôres mata-as uma, e, por maiores,
roubam-te a fala mil, e em ti se somem.

Combate extranho e mudo de abantesmas.
São tantas que devoram-se a si mesmas
e abrem seu proprio esquife, abrindo o do homem.

DOR

Pertenço á Dôr. Quizera ao menos traduzil-a,
mas, por grande a tormenta, é total o sossôbro.
E o mar cresce com o mar que a palpebra distilla:
Sôffro mudo, afogado, — e sôffro assim o dôbro!

Não póde a intensa dôr ter uma expressão calma:
chora, soluça, range, estorce-se convulsa;
ou, suffucada, em um esmagamento de alma,
emudece, — e ninguem ouve o vulcão que pulsa!

Dôr que vibra sem tregua, em ancias, em cansaços,
em lamentos sem rythmo, em áis sem harmonia,
querer pintal-a é pôr ante os olhos os traços
sem relêvo e sem côr d'uma photographia.

Falta estertôr ao plectro e resfôlego ao lapis,
falta som ao pincel, falta sangue ao escôpro:
Dôr, escrava da Vida: é fatal que te escapes
emfim á Vida: quem te immortalisa o sôpro?

A pujança do genio ou o esforço do artista
naufragam nesse afan de te moldar um écho!
Inaccessivel! e eu, com lagrimas na vista,
em vão para expellir-te a mim mesmo disseco.

E em vão tento fixar-te a fórma, traduzir-ta,
concretisar-te a essencia, embalde o cháos resolvo:
paralysas-me a voz, a idéa, os passos, e hirta
agonisa minha alma em teus braços de polvo.

TERRA

Planeta escuro e vil, que já foste uma estrella!
Da nebulosa oriundo, a enrolar como um vime
teus novellos de flamma, eras só luz sublime,
não tinhas feito carne afim de após comel-a.

Hoje és patria da Dôr e antro immundo do Crime.
E não tens pejo de ir mostrando as sarnas, pela
côrte de mundos vasta, e de impune offendel-a
com teu riso que illude e teu dólo que opprime!?

Na noite sideral, tomam-te os astros como
esmeralda preciosa: o mar, campos, florestas
dão-te a côr da Esperança, o venenoso pomo!

Verde por fóra ... és podre! o espaço todo empestas!
Dar-te os ossos e voar, eis o que é a esperança:
da Justiça e da Paz pedir a patria mansa!

ENTRE OS RECIFES

Sob um céo baixo e plumbeo, a nevoa aos poucos densa,
dilue-se, aclara o oceano ao longe, côr de zinco;
diminue a procella, e o sol, que accorda ás cinco,
tarda em trazer a paz com sua aurea presença.

Eil-os, vêm semi-nús, da catastrophe immensa,
poucos, em fragil bote, abrindo na agua um vinco
de alva espuma, a remar com coragem e afinco,
salvos, — e a salvação as fadigas compensa.

Eil-os que pisam já do rochedo o declivio:
cada peito desprende um suspiro de allivio.
E volvem para o abysmo o olhar, sondando o largo.

Tudo se fôra, a nau e os nautas, sina hedionda.
Mas o tópe de um mastro e a verga emergem da onda:
ficou sinistra cruz sobre esse campo amargo.

SERES PEQUENOS

Entre a folhagem miuda e bronzea do sobreiro,
pobres insectos cata uma alegre carriça;
subindo o tronco ancião que fornece a cortiça,
vai por licheu e musgo andando um formigueiro...

Ao dar commigo, foge o passaro ligeiro,
prescindindo da presa em que punha a cubiça;
ao que vive da caça é de norma e justiça
evitar o mais forte: eil-a, fugiu primeiro.

Eu só a olhava, e inerme. Ella, fugindo, as pennas
abre das azas como embraçando um escudo...
Que arma invencivel são essas azas pequenas!

E eu desço a ideia e a vida, azas mançàs, á mansa
e indefeso, formiga, ente myope e mudo,
cuja força é o trabalho e a pacifica alliança.

A GLORIA

És o mar, largo e ruidoso...
E quantos mal sabem, quantos,
que és feito não das do gozo
mas das torrentes de prantos!

Reluzes!... quando não sejas,
corôa, feita de espinhos...
Sangue que rubro gottejas,
sacia o pó dos caminhos!

Tardia luz da alvorada
após uma noite de annos
Perola emfim arrancada
do abysmo dos desenganos.

Noiva que és sempre querida,
mas sempre odiada consorte;
és feita dos ais da vida
ou do sorriso da morte?

DESEJO

Á superficie dos lagos,
lá onde o lótus vegeta,
phalena e flor, aos afagos,
matam de zelos o poeta.

São tantas caricias, tantas,
que eu jámais pude contal-as!
Assim, amor, quando cantas,
quando sorris, quando falas,

eu sinto um desejo louco
de te afogar os solfejos,
o riso, a voz, pouco a pouco,
num mar ardente de beijos!

Suspiro então, vida minha,
cheio de inveja e de pena:
« Si fosses tu a florinha
e eu fosse aquella phalena! »

As auras, que andam vagando
pelo prado, murmurosas,
não beijam de vez em quando
as açucenas e as rosas?

Quanto amor, nem imaginas,
alli rescende e murmura!
Ás aragens campesinas
invejo tanta ventura.

Como a invejára á phalena,
e suspiro, em ti pensando:
« Ah! fôras tu a acuçena
e eu o zephyro tão brando!... »

A DUVIDA

Quem é que move a barca e lhe prezide a sorte,
em meio d'essa fria immensidão azul?
O vento. No entretanto, elle a dirige ao norte,
e ella enfrenta-o, bordeja, e voga para o sul!

Assim athleta e sol, na arena dos espaços,
partido o gladio e a cotta, olhaste em baixo o pampa,
e jorrando para longe os ferreos estilhaços,
ao tombar incendido illuminaste a campa!

Pois tudo quanto é grande e um cerebro imagina,
pois tudo quanto é bello e uma alma pura sonha,
nasce aos olhos da fé, numa visão divina,
para morrer perante a duvida medonha!

Hontem, n'esta alma teu clarão fulgia...
depois morreste — o proprio sol matou-te!
Meu Deus, fizeste-me tão curto o dia...
porque me fazes tão comprida a noute?!

ESPINHO

Depois de curta ausencia — um seculo de instantes,
eu volto emfim, e espero o abraço do costume.
Debalde! Em vez do riso alegre, como d'antes,
espelhas no teu rosto a sombra de um queixume!

A causa d'isto eu sei, o espirito a presume
sem que um remorso fale, e sem que a voz levantes;
nas rosas da paixão o espinho do ciume
é raro que não fira o seio dos amantes!

Ingrata! pois não vês que a ti eu me abandono
e arrasto-me a teus pés, eu que te erijo o throno!?
Esquece a magua injusta e volve ao meu carinho!

Vivendo da tua alma, ao teu amor affeito,
ao passo que te arranha um leve e tenue espinho
eu sinto que um punhal me rasga fundo o peito!

AMOR

O vento cria a luz — ergue-a das brazas,
e a mata — apenas o clarão acceso.
Assim o Amor: levanta-nos com as azas,
ao mesmo tempo esmaga-nos com o peso!

OS NOIVOS

EPITHALAMIO

(Por occasião da cerimonia nupcial de uma irmã)

I

Eu sou aquella voz que emana do propheta.
Exulta o céo de ouvir-me e o rouxinol se cala.
Sou eu quem lê a sina, eu sou quem a interpreta.
Chamo-me vate, e busco um anjo nesta sala.

Eil-o que surge, envolto em turbilhões de alvura,
tendo na fronte um riso e a flôr de larangeira.
É o livro da alma, aberto á folha da ventura.
É a pomba conduzindo um ramo de oliveira.

Pairando sobre a terra — abysmo envolto em brumas,
á luz de sua aurora indaga o seu destino.
Assim, tremula, a nympha emerge das espumas,
e, tremulo, vem do alto o rócio matutino.

Mas não te assuste a vida, ó perola mimosa:
ó nympha virginal, tambem no mundo ha goso:
ao puro orvalho abriga o seio de uma rosa!
á pura virgem se abre o seio de um esposo!

Conserva o teu sorriso e a tua calma insonte.
E encara sem temor a intensa luz divina
que em ti se espelha, ó anjo, e te emmoldura a fronte
por sob o augusto véo de candida neblina.

Vens do céo. Que elle dê-te uma feliz jornada.
Voltarás: o horisonte é o fim da escura senda.
Vai, não temas a noite e o frio e o pó da estrada,
pois te guarda esse véo — feito de luz e renda!

A laurea da pureza adorna as tuas tranças
a sua flôr unindo á flôr da juventude.
Em cada folha lê-se um poema de esperanças!
cada botão encerra o aroma da virtude!

Confia no teu norte, e vai. Levas comtigo
a imagem do teu sonho, a luz do teu anhelo.
Abriga aquelle amor, nelle acharás abrigo.
Possues aquelle ser, paga-o com teu desvelo.

Conduze a peregrina, ó terno e amante esposo.
Tu és o palinuro, a ti compete o leme
na rota do porvir, sobre este mar fogoso.
Levas comtigo um anjo, a tua mão não treme.

Qual pescador que desce á profundez do oceano
para buscar na concha a perola nitente,
desceste ao fundo lar, e levas, todo ufano,
a joia que arrancaste ao coração da gente.

Vencente o nosso affecto, ao vencedor a palma.
Aquella joia a ti pertence de direito.
Prende-a no engaste de ouro — o occulto de tua alma!
Guarda-a no cofre vivo — a nave de teu peito!

II

Eis-vos emfim agora e para sempre unidos.
Trocastes uma jura e vosso anel de alliança.
A jura vos reparte a sorte de maridos,
o anel vos une os dois — num iris de bonança!

Sois livres para o Amor. Pombas, é vosso o espaço.
O matrimonio o que é? — a escravidão sublime,
que prende duas mãos no mais divino laço,
porém liberta a mente, e o coração redime.

Sois livres e inda mais escravos do que d'antes,
no mundo da paixão, no céo do devaneio:
a vossa liberdade é o jugo dos amantes,
que aos dois funde-vos a alma e guarda-a num só seio!

Até de todos, hoje, as almas se condensam
no seio de enthusiasmo, a palpitar de amores.
Os nossos corações enviam-vos a bençam,
emquanto as nossas mãos innundam-vos de flôres.

Lá fóra é tudo sombra, aqui é claridade.
Aqui se escuta o amor, além ruge a procella.
Que musica de vós deriva e nos invade,
mais doce e mais subtil que a musica mais bella!

Cercamos-vos de affecto e orlais-nos vós de brilho,
ó astros, que surgis, numa visão de gloria,
e nos assignalais com o fulgido rastilho,
na noute que nos cerca, a vossa trajectoria.

Reflectes toda a vida, ó noite de noivado,
tal como um claro espelho a reluzir no escuro:
— o anhelo do porvir, a encher todo o passado!
— o sonho do presente, a encher todo o futuro!

Ó noite celestial, mais clara do que o dia,
déste as joias de luz — presente teu de bôdas;
nenhuma estrella mais no céo hoje irradia!...
Mas não, do Amor o sol é que extinguiu-as todas!

Quem fala agora em noite!? Além, sobre as montanhas,
eis surge, altiva e bella, a imagem de uma aurora.
Emanam-lhe da fronte irradiações tamanhas
que o céo de orgulho ri e a flôr de inveja chora!

A perola do pranto alli se dependura
no meigo olhar azul, bucolico, do lirio.
Seu labio exhala um threno — a voz do olor: tão pura
que ascende para o ideal, pois desce lá do impyreo!

Da natureza accorda a indefinivel harpa,
vibrando, á voz de um Poeta, a musica da vida.
O sol beija, dourando, o mar, a veiga, a escarpa...
como a rima a dourar a estrophe colorida.

E d'esse claro beijo ou d'essa rima de ouro,
irrompem sons e luz, num fremito divino,
enchendo a terra e o mar com os brilhos de um thesouro,
enchendo o largo céo com as vibrações de um hymno!

Oh! tela divinal! Quem póde recompôl-a
com a mesma luz intensa e as côres e as matizes,
com o sussurro da brisa e os madrigaes da rola,
com o perfume da flôr e a seiva das raizes?

Só a mente do poeta e a vossa mente, ó noivos!
Sonhar eis uma aurora, e fez-se de repente
O sonho uma verdade! E tal verdade foi-vos
erguer do chão, de novo, ao sonho refulgente!

Alli se extende, ao norte, um lago azul e manso.
As aguas de crystal — um ninho de sereias —
agitam-se de leve, em tremulo balanço,
e sobem a beijar a fimbria das areias.

Das margens no circuito, os bosques de esmeralda
corôam num sorriso a branca redondeza.
Parecem ser da noiva a flórida grinalda
no enlace conjugal de Deus e a Natureza.

Das gaivotas o bando ascende pelos ares
e dos cysnes fluctua a frota de alvas pennas.
Emergindo da espuma, os verdes nenuphares
dão a nivea corolla ao beijo das phalenas.

Treme o jardim fluctuante, e ao longe a escura matta
treme, beijando a mão da aragem matutina;
e o lizo espelho azul que todo o céo retrata,
quando ella passa e o toca, ondula em tremulina.

De bruços sobre a riba, os galhos de arvoredos
bebem de quando em vez na ineschaurivel onda.
Alli, naquella ponta, um grupo de rochedos
ergue do claro banho a escura tez hedionda.

Além vé-se uma ilhota. Ao fundo mais da téla
desenha-se o perfil irregular dos montes.
Um céo de puro anil por sobre esta aquarella.
Em torno ao panorama os largos horizontes.

Que magica poesia em toda essa paragem!...
Dir-se-ia mesmo que é d'esse jardim jucundo,
formoso trecho de uma olympica paizagem,
que sai a Primavera a percorrer o mundo.

Não escutais agora um som que se approxima,
o som de uma ondulante e meiga barcarola?
Como desperta, vêde, e ri todo esse clima,
ás doces vibrações do canto que se evola!...

Chega uma barca.... Mansa e placida deslisa:
Dois jovens alli vêm, são dois recem-casados
unindo a unida voz ao sussurrar da brisa,
as almas enlaçando aos corpos enlaçados.

A espuma vai seguindo a barca seductora.
Evola-se a canção repleta de ternura,
e sóbe, tremulando, ás nuvens que o sol doura,
até perder-se emfim nos páramos da altura.

E os jovens em delirio apertam-se nos braços...
E a barca expande a vela aos osculos do vento...
Oh! pagina de amor!... Que aroma nos espaços!
que vozes dentro da alma! e que deslumbramento!...

Pois bem, esse batel é o barco da existencia.
Sois vós que ides cantando essa canção querida.
Cantae, noivos, é bello o sonho da innocencia.
Amae-vos muito e muito: o que é o Amor?—a Vida!

E o poeta, que adivinha as apotheoses calmas
e que ouve de bem perto os hymnos de ventura,
enlaça a voz da lyra ao som de vossas almas
e a flamma do seu estro ao sol que ahi fulgura.

IDÉAL

Tens-me a teus pés, Poesia, incomparavel sceptro !
Do chaos de fel, que estronda em vagalhões azedos,
emerjo ; pulso a lyra, os teus paços penetro
e te escuto enlevado os divinos segredos.

Mas o tufão da dor, Musa, partiu-me o plectro!
Deste seio que sangra estão tintos os dedos !
E os accordes que arranco enchem de raiva o espectro
que me fita sinistro e paira entre os fraguedos !

Ah ! pudesse, e eu calcasse o meu profundo brado,
este sangue, que explue das veias dolorosas,
ao ser fervido no estro — o crisol encantado—

converter-se em rubins ! crystalisar-se em rosas !
rubro, arvoradas ser ! flammeo, ser nebulosas !
e nas almas fluir como um rio sagrado !

COLUMBA ET ANGUIS

Sem rumo voga o amor na incerta
rota, em demanda do aureo pomo...
A inveja e o ciume, esses são como
dois olhos fulvos—sempre alerta!

A inveja e o ciume são a lingua
de fogo, sempre, o sol que estúa.
O amor semelha mais a lúa,
que cresce, cresce, e depois mingua.

Feliz do amor que, sempre amado,
toda a existencia em si resume!
sem ter da inveja nem do ciume
a ronda livida a seu lado!

QUEIXAS

Neste meu peito ergui-te o regio throno.
Teci-te a c'rôa com as gentis chimeras
que foram-me a riqueza d'outras eras,
e que offertei-te em placido abandono.

Jaz hoje murcha a flôr das primaveras,
tão longe ainda os vendavaes do outono!...
Foi-se tambem,—vendido a outro dono,
esse amor que era meu, que tu me deras!

Seja-te a vida o goso que presumes,
um sonho perennal, bello florido...
embora mordam-me crueis ciumes,

embora eu sinta o coração rasgado,
quando na rua, ao braço do marido,
passas risonha e perfida a meu lado.

LYRA DE BEIJOS

Tu és meu formoso nume!
Teu habito quente embriaga,
e ao respirar-lhe o perfume
sinto que a mente divaga.

Em me fitando esses lyrios
azues como o céo e o mar,
uma extranha melodia
oiço n'alma resoar.

E, porque és tu quem accorda
na lyra d'alma os harpejos,
do meu peito o amor transborda
nos versos — que são meus beijos.

Embora os fosse eu fazendo
toda a vida e em toda parte,
não me bastavam morrendo,
quizera ainda beijar-te!

Talvez, em tua inconstancia,
já tenhas — quem sabe? horror
aos beijos de cada estancia,
porque só dizem-te — amor...

Mas si não posso contel-o,
por mais que o peito dilate,
hei-de fingir-me de gelo,
deixando que elle me mate?

Não, não posso e mesmo quando
saudoso de ti me aparto,
o meu beijo terno e brando
logo a rima vai levar-t'-o!

Nos versos parte meu beijo,
que o meu coração te leva...
E no exilio em que me vejo,
sem ti mergulhado em treva,

sem coração — pois mandei-t'-o,
como é triste a minha sina!
mas si me aquece o teu peito
si o teu olhar me illumina

e em teu labio o sorriso
fluctua amoroso affago,
como uma flôr sobre o liso
e puro espelho do lago

renasço, como si fosse
vida nova a que me anima...
e um só teu beijo é mais doce
Que todos esses da rima.

Sempre que eu — amante bardo —
te afago a sedosa trança,
doirado céo onde guardo
a luz da minha esperança;

Quando um ósculo deponho
na alva curva do teu seio,
onde reside o meu sonho,
onde palpita o receio;

e quando, num beijo immenso,
reuno o meu labio ao teu,
e unidos — ser tu eu penso
e pensas ser então eu...

deliro num goso extremo,
mas puro, innocente, casto!
O mundo cruel, que eu temo,
este pélago tão vasto,

Nem mais para mim existe
na mente, — é lembrança morta!
Si em só amar-te consiste
minha vida, o mais que importa!?

Como é sublime esse instante,
cheio de magos lampejos,
em que eu e tu, minha amante,
trocamos beijos e beijos!...

Ouve-se sons, que parecem
o doce arrulho de um ninho;
são meus labios que estremecem
sobre o teu collo de arminho.

A meiga, eolea poetisa
e confidente do poeta,
nos ares suspensa, — a brisa —
que nos escuta, indiscreta,

Na folhagem do arvoredo
tenta baixinho um solfejo,
como um timido arremedo
das harmonias do beijo.

Como que pairam nos ares,
derramando um vago olor,
sorrisos, beijos, olhares,
— as mudas falas do amor...

De lua e sol não preciso
n'esta existencia de abrolhos;
minha aurora é teu sorriso,
meu luar vem dos teus olhos.

Morto de amores, querida,
vivo apenas com um desejo
beijar-te por toda a vida
morrer num ultimo beijo.

A SOMBRA

O solitario cedro, esgalhado e versudo,
ergue os braços ao ar num gesto nobre, e a sombra
pende-lhe sempre como um pesadelo mudo
e como escura nodoa, alastra-se na alfombra.

Em pompa tumultúa a livre natureza,
nem ha um domador que essa leôa enjaule
e a sombra silenciosa, alli se arrasta, presa,
de grilheta nos pés, aos pés daquelle caule.

Dilue-se em ouro e anil o espaço, o sol caminha,
farto de luz, febril de amor, tonto de gloria
e em volta ao firme tronco a constante vizinha
vai traçando a sombria e lenta trajectoria.

Alma escura, alma triste, alma innocente e mansa
em procura da luz o seu cyclo descreve:
mas não a encontra nunca, esta foge, elle avança,
até que a — Noite, essa alma universal se eleve.

Ha-de chegar a Noite, ha de em seus longos braços
asylar, converter, todas as sombras n'uma,
e, do chão ao zenith abrangendo os espaços,
attingir um Ideal que no Além se consumma.

E a terra tumultuosa ha de ajoelhar-se triste
ante a sombra silente, ante o mystico throno,
e pedir ao olhar negro como o lemiste
uma bençam de paz, e uma esmola de somno

Mas vêde : é cedo, o sol ainda flammeja no alto,
Sangram chagas de seiva aos seus dardos de fogo.
Boiam pelo vergel, mar de onda verde espalto,
sombras alma galés, humildes como um rôgo.

Alli o cedro expande a viridente copa.
Seus braços a se abrir são de amoravel seio
onde o exercito alado, inoffensiva tropa,
faz o ninho e descanta o limpido gorgeio.

ANTES DA PARTIDA

Sumiu-se a fulva anthera atraz daquelle monte,
deixando á flôr de lodo o pollen bemfazejo.
Sumiu-se, porém arde ainda o seu bafejo
e o seu vivaz clarão transborda do horizonte.

Assim tu partes, anjo, e mesmo após eu vejo
o teu olhar de luz, o teu sorriso insonte,
e, dessa ausencia embora o inverno me amedronte,
sinto-me arder ainda ao fogo de teu beijo!

Lá desce o véo da noite, e sóbe a voz da brisa.
Ao longe, o pallio azul de estrellas se matiza...
mas, vendo-te a meu lado, o que me importa vel-as?!

Quero beijar-te muito, ó flôr, vem a meus braços!
E brilhem no meu peito e cantem nos espaços
mais beijos do que toda essa porção de estrellas!

TROVÕES E POESIA

Tenho os ouvidos cançados
da rouca voz de um oceano,
Os seus mysterios são brados
e o seu bramir... um arcano!

Não sei decifrar-lhe a grita,
seus retumbantes segredos,
Não sei por que é que se irrita
e morde os mudos rochedos.

Humanas ondas ferozes!
de mais perto escutar fui-vos:
são inanes essas vozes,
insensatos esses uivos!

Táes roncos são escusados,
deixae-me, ó ondas, dizer-vos.
Trago os ouvidos cançados
sinto ferido os nervos!

Prefiro um côro mais calmo,
um concerto mais ameno:
O canto de amor — um psalmo,
e a voz de amizade um threno.

L'HIRONDELLE

O ! quand tu prends l'essor vers l'infini
Vers ces belles régions de la charté,
Que tu es grand, alors, être petit,
Plus grand que la raison, que la pensée.

UMBRA ET LUX

I

O sonho é laurea mentira
a esperança é noiva infiel...
O que ha-de adoçar a vida?
Essa vil tisana de fel!?

Sómente a Dôr tem raizes
na terra maldicta e vã?
Deus é Deus... para os felizes!
para os mais elle é — Satã!

Luctar... a palma é do forte,
invoque o Direito... a quem?
De olhos vendados a sorte
tapa os ouvidos tambem!

Lá cima onde Alguem assiste,
abre-se em luzes o céo.
Cá baixo, que onda tão triste;
que pavoroso escarcéo!

Que umbroso estridente pégo!
que pugilato feroz
Destino! monarcha cego,
guardas a herança de avós!

. . . . . .

II

O amor é da Vida o norte,
a vida é do Amor a cruz,
São, como a Duvida e a Morte,
feitos de treva e de luz,

Se a vida é falsa e sombria,
Se o mundo é lôbrego e vão.
Abra-se o templo — Poesia,
onde é o Ideal religião!

Ninguem mais forte que o poeta
para soffrer calmo a dôr,
pois se elle póde, esse athleta,
com o todo o peso do amor!

Seus cantos são da alma os braços
azas, vivos caducéus
Sobem — vibrando — aos espaços,
descem — fulgindo de Deus!

Almas, bebei esse allivio,
O poeta soffre tambem!
Soffre mas tem o convivio
d'esse recondito Alguem!

OUVINDO-TE

Toda a vez amante minha,
que posso ouvir-te o gorgeio,
minh'alma inteira se aninha,
sem que o saibas, no teu seio,

O orvalho, pranto da aurora,
bebem-no as quentes areias,
e eu bebo-te a voz canora,
ó rainha das sereias!...

—pois teu gorgeio mais brilha
que da rôla a voz amena,
canta melhor que a baunilha,
rescende mais que a phalena;

Ah! se eu vivesse a teu lado,
sempre a glosar-te os bemóes,
fizera um poema encantado
—concerto de aves e sões!

Mas... silencio! alli vem perto
aquelle sabiá veloz,
e ha-de invejar-te de certo
as harmonias da voz...

Passou... não te escuta mais,
Foi ensaiando um idyllio,
em versos tão naturaes
como os versos de Virgilio.

E o trovador innocente
mal sabe, mal imagina
que passou pertinho, tente
de uma calhandra divina!

Agora fala. Que eu oiça
d'esse canto a serenata,
que me adormece e baloiça,
que me extasia e me mata!

Eu sinto que a morte vem,
num sonho bello e inaudito...
Beijas-me então, e no Eden
de teus labios resuscito!

Sereia! solta o teu canto,
mata-me, fala; eu te escuto.
Dou-te a existencia, com tanto
que resuscite um minuto!

CONSUELO

I

O teu halito olente
verte-me doce calma
á viva sede da alma,
ás ancias que ella sente.

Deixa-me, pois, banhal-a
na essencia que evaporas
das petalas odoras
dessa rosa—que fala.

Deixa-a ouvir-te a voz de ouro,
que em extase a balança
num berço aereo—a trança
do teu cabello louro.

Quero a flor de teu riso,
amo-a com tanto zelo!...
Mas teu olhar, Consuelo,
é de que eu mais preciso!

II

As strophes que te envio
São, emquanto as não recebes,
eguaes ao cardo bravio
dos fraguedos e das sebes.

Apenas grosseiro galho
onde faz meu beijo ninho
te que lhe des agasalho
no lindo collo de arminho

Teu riso doce, e tão lindo
semelha—visão formosa...
um lyrio branco surgindo
do casto seio da rosa.

Si me falas a tua fala
em minh'alma repercute
e esta, ouvindo-te se cala
—p'ra que assim melhor escute.

E não me lembra igualmente
Que o prazer se extingue breve,
Como ao sol que nasce ardente
Desfaz-se um floco de neve!

Mas não morrerei comtudo,
pois me beija á toda hora
teu labio que fica mudo
e o teu beijo me avigora.

O LAGO

A alma do poeta é um lago crystallino
de agua limpida e mansa
onde se mira a estrella da Esperança
e as nuvens do Destino.

Cantam as ondas, quérulas, na praia,
uma extranha harmonia
que em suspirosas vibrações radia
e languida desmaia.

Ouvem os anjos essa voz, lá cima,
que soluça na margem,
e, em côro unisono esse canto espargem
engastando-lhe a rima.

As mil constellações da azul esphera
reflectem-se no Lago,
que as almas unge de um enlevo mago
e a sêde desaltera.

Portico esplendido, abysmoso paço
dos reis do firmamento,
Outro abysmo maior — o Pensamento —
encontra n'elle espaço!

Sobre esse espelho nitido vagueia,
sem que uma sombra o tisne
branco baixel do Sonho, — alado cysne
ou mystica sereia.

A alma do poeta é um lago crystallino,
de agua limpida e mansa,
onde se mira a estrella da Esperança
e as nuvens do Destino.

INANITAS RERUM

Viver!... O que é? Não sei. Vago problema
esse da vida, e a mente embalde o sonda.
Soffrer e rir, luctar, ir d'onda em onda
demandando o pharol da patria extrema...

Longiqua patria, ignota luz. A noite
enche de sombras e arrepios a alma,
e, pois que existe este escarcéo sem calma,
«digo» ha de haver a plaga onde me acoite!

Digo,—mas não responde nenhum echo
á minha voz, entre indecisa e crente,
voz que a mim proprio tantas vezes mente
—para mentir á febre em que me sécco!

Cegos videntes, eu e os outros vamos
accendendo os ideaes que relampejam...
Em summa as cousas são, não como sejam,
mas da maneira como as anxergamos?

A alma em si olha: e o sol, claro e vermelho,
e o plenilunio, todo mysticismo,
cabem no Sonho,—como cabe o abysmo
na superficie raza de um espelho!

O olhar absorto boia nas espheras...
Alli busca, ali vê o real caminho...
E bradam, rindo, a serpe, a rocha, o espinho:
—Olha onde pisas! vê que te laceras!

Ergues tão alto a fronte ardendo em chama:
não vês o fosso, o estrepe, o lodo, o escarro?
Louca centelha, corruscante barro
—que um sopro apaga—emfim que és mais que lama!?

Por que illudes a angustia que te escarva,
a dor que enche, o fel que te envenena?
Julgas que vôas,—a aza da phalena
vestiste, em sonho,—mas inda és a larva!

Vais deixando na aresta dos escolhos
trapos da tunica e farrapos da alma...
da alma, que dizes—sempre verde palma,
eterno ramo... Accorda, abre esses olhos!

Abre esse olhar com que olhas a ti mesmo
e dize a nós o que lá dentro viste:
um mar convulso, tetro, hediondo, triste...
e ao longe o areal, deserto, inculto, sesmo!

O cancro Dor, e ninguem ha que o extirpe,
róe-te o peito, estortega-o, rompe-o em chaga!
Em vão rola-te o pranto, baga a baga,
em vão!—e a baga perpetua a extirpe.

Bagas de Sangue distillado, germes
vindos da Magua vão florir em goivos...
E, virgens, crença e ideal,—perpetuos noivos,
caso-os a bençam funebre dos vermes!

A crença te promette uma outra côrte,
e o manso ideal, inerme, é—te um baluarte.
Tentas, materia, espiritualisar-te...
tens de tu a ti mesma contrapôr-te!

Devêrás brandir o aço, afiar-lhe o côrte,
e investir, implacavel, hasta em riste:
a distincção, na arena, não consiste:
—no Bem ou Mal,—mas em ser fraco ou forte!—

Que vês em torno? a lucta aspera e cega,
o entre chocar de piques e de arnezes:
gritos de odio, clamor de triumpho ás vezes,
e sempre um ai do que estrebuxa e offega!

O ESPECTRO

Em certa noute escura e fria
alguem me veio visitar.
Pasmo accordei; quem bateria,
áquellas horas, em meu lar?

—Abre depressa, venho morta,
exhausta, tropega de andar! —
Antes que eu fosse, abriu-se a porta
subitamente par a par.

E um vulto entrou, envolto em bruma...
Na escuridão, o extranho olhar
tinha uns clarões funereos, uma
emanação de verde luar...

—Não me censures por ter vindo
sem me fazer annunciar.
Eu sou que o pranto e as dores findo
sob o meu pallio tutelar.

E chego emfim; leguas e leguas
andei, andei, por te buscar;
a tua dôr achará treguas
no meu riquissimo solar.

Deixa o escarcéo, deixa a miseria
d'este vil globo sublunar,
Vamos, é linda a estancia etherea,
anda commigo descançar!

—Por tal repouso sei o preço
que vais ao hospede cobrar:
teu braço, algoz, bem te conheço,
termina em garras de jugaar!

Vê-me: cavou-me o pranto um roxo
circulo fundo em cada olhar.
Vai-te, aza funebre de mocho,
vai-te, não quero mais chorar.

—Que premio encontras na existencia?
como é que a podes tu amar?
Ao frio sopro da experiencia
se apaga o sonho como um lar.

Essa illusão, de que se vive,
com o homem sobe ao patamar:
ella se evade, elle o declive
tóla, e transpõe meu albacar.

Escuta: o ideal só eu realiso,
a gloria em mim tem o limiar;
a vida é o prologo indeciso,
eu sou o cantico sem par!

O pomo, sceptico o despiste
da polpa, sem a saborear:
resta sómente o nucleo, ó triste,
que vês desnudo com pesar!

Segue-me, vem! leguas e leguas
andei, andei, por te buscar.
A tua dor achará treguas
no meu riquissimo solar.

—Para os terrenos que arroteias
buscas sementes plantar...
queres o liquido das veias
para dar seiva ao teu pomar...

Deixa-me, enfermo e triste embora!
A meia luz crepuscular,
a que reduz-se a minha aurora,
bastará para me alumiar.

—O nucleo secco é um ataude,
mas d'elle a flor ha de brotar.
Apenas lhe abro a tona rude.
Já viste a perola do mar?

O corpo é concha, é simples ostra
que encerra a perola sem par:
a alma precisa que essa crostra
emfim liberte-a, para voar!

Rompe a chrysallida, phalena!
terás de flores um milhar.
Troca esse carcere, sem pena,
por meu esplendido solar.

Do globo a vã fumaça encobre
meu calmo e infindo luminar.
Como recusas, já tão pobre,
o que eu emfim te venho dar?

—Vai-te. Ha mui que eu te soffro o jugo,
conheço o chuz do teu andar.
Bem falas, Circe, —mas, verdugo,
trae-te o relampago do olhar!

Rainha —esmolas suja e gafa,
Morte —és da Vida o eixo polar,
Sopras, tufão, e esse ar abafa
e apaga a luz e faz gelar!

Pontas de fogo, —tens nos olhos
o humano phosphoro a verdear.
Cresce em teu manto o fio: aos mólhos,
cabellos de ossos pões no tear.

Impões com a bala e o trom da guerra
o teu silencio tumular.
Pus que te dá com sangue a terra
vens—com veneno—lhe entregar.

Odio e calumnia, esses dois odres,
regolfas no orbe, em preiamar.
Da inveja vesga os trapos podres
coses com a vista acicular.

Feres sem dó a vida e a crença,
o sonho, o ser, o amor, o altar.
Nessa voraz garganta immensa
tens para tudo algum logar.

Pões tua essencia em cada germen
e aguardas léo de fermentar.
Eivas os sóes para que enfermem
e os seres trazem já o azar.

Vives sómente do esphacélo.
O genio, o heroe, o ser vulgar,
todos derrue teu camartello,
todos humilha teu aziar.

O corpo arruinam faina e doença...
A alma diluem pranto e pesar...
Galés da dor, na mais intensa
s'unem — d'emfim se separar!

E esse momento sempre chega,
põe-se a teus pés a alma a chorar.
Sem plumas, a ave, inda ninhéga,
pertence á terra, não é do ar!...

No gyneceu que tens nas ruinas,
mãe torpe e avó patibular,
crias as lavras, — que assassinas
e o quanto d'ellas germinar.

Fóra da estirpe que te engorda,
tens por missão preliminar
em cada mente, em cada corda,
em cada fibra um ai vibrar.

Depois, as minimas bactérias
mais os vibriões do teu bazar
servem-te de armas deletereas
com que te aprazes em caçar.

Ervas a setta do bacillo
e varas, sem differençar,
tanto o broquel do lar tranquillo
como o docel do lupanar.

O pus das ulceras, as sórdes,
dentadas d'um cruel molar,
são teus signaes: — és tu que mordes,
quando não podes devorar!

Lasciva abraças o ente ao peito,
mas só depois de o mordicar.
Ninguem cai virgem no teu leito,
mui antes provas do manjar.

Tudo vem do ovo e se amamenta
com rumo a ti: — eis-te a espreitar
soluços, logo que ha tormenta,
vagidos, quando faz luar.

Sobram-te só da mesa rica
os ossos que enchem teu algar.
A carne é o ló que se fabrica
— do leite e do ovo — é teu folar.

Tens a teus pés, e andas de rojo,
o rei — teu servo, o algoz — teu par.
Mordes, e ao fim cada despojo
ri d'essa gula, num esgar.

Verme feroz, mais corrosivo
do que vitriolo ou rosalgar,
tudo se escôa no teu crivo,
e ninguem póde te esmagar.

Dás fim a tudo, ó Nada, e, emquanto
a alma promettes não findar,
roubas-lhe o sangue — um mar de prantos,
e isso é o melhor do teu jantar.

Dizes poupar a flor: e as raizes
roes, para o tronco derrubar.
Queres dar vôo á estatua, dizes,
e a pó reduzes o pilar.

Monstro protheu, que o mundo empestas
como um vulcão pútrido de ar,
forjas os raios para as testas,
a intriga para o calcanhar.

O espirito — aza da materia,
o corpo — invólucro solar,
persegues tudo, aza funerea,
no teu afan de aniquilar.

Geras no informe ventre escuro,
lubrica harpia secular,
o Ignoto, feto do Futuro...
Que elle á vil mãe possa abençoar!

Apraz-te ver-me triste e enfermo...
Vai-te. Eu irei mais de vagar.
Não moras longe, fatal Termo,
bem sei onde é, vou lá chegar.

Esses carbunculos que levas
são-me candeia familiar:
quanto já tenho lido ás trevas
o que só tu sabes dictar!

Vai-te. Tua arma me convida
para o combate singular,
e, pois que atacas minha vida,
a vida ordena-me luctar! —

Nisto, a visão foi-se recuando.
E lá ficou fóra a rondar.
Como um fusil, de quando em quando
ella me espreita do limiar.

E desde então a minha fronte
verga ao terrifico pesar.
Paira nuvem no horizonte,
um véo de crepe no meu lar.

LA FOI (*)

Il n'y a de repos pour les âmes, sur terre;
le coeur saigne et chacun va cherchant le tombeau,
mais s'il faut que l'on souffre il y a la Gran'-mère:
c'est la Foi, et c'est tout; et ce livre en est beau.

(*) Nova. — Epigraphe escripta em um exemplar do livro de Pierre Corneille: «Traduction de l'Imitation de Christ».

Exemplar, pertence a Exma. Snra. D. Albertina de Seixas Martins Torres.

ALARMA

Illusões... já vão longe! ingratas andorinhas!
Sonhos... foram tambem, naufragaram no pégo!
Vais buscal-os talvez! ó poeta, que caminhas
na sombra, sem arrimo, exhausto, pobre cego!

O instincto da existencia—alerta sentinella
fremente se alvoroça e brada-me sentido!
Estruge o vendaval, Ruge o mar, se encapella,
solta o bando feroz d'ondas num alarido.

E, atravez dos bulcões, vou-me a vista cançada,
pelas nuvens ao céo, n'uma prece, num rogo
Nenhum pharol. Em tudo a treva sobrenada.
Agua em tudo e no olhar, só no meu peito fogo.

Como arrancar do abysmo, essa perola—o sonho.
Como fazer vogar, essa náu a esperança!?
se nem ha no meu céo luz ou iris risonho,
nem ha, no meu diluvio, uma pomba da alliança!..

O vagido, o estertor! dentro de mim escuto.
Vejo um berço e um jazigo, ambos sós, ambos perto.
Dois extremos, no meio a Primavera em lucto,
atravessando o váu a meu olhar aberto.

Ó desgraçado arranca o punhal da ferida
e mostra quanto é fundo o criminoso córte!
Essa louca fanfarra estridente da vida
faz vibrar inda mais, dentro, a tuba da morte!

. . . . . .

O tormento do lucto, e a tormenta da vida
mordem-me o coração como duas torquezes
uma fere, outra esmaga! ambas dóem, alma olvida!
recordar cada dôr é soffrer duas vezes!

A POESIA

Pandas velas, vogae: azas, livrae-vos e ide,
argonautas, após ao vellocino eterno.
A existencia é um arneiro onde nasce uma vide
entre as torgas, o ideal. A poesia é um falerno.

No culto da arte o poeta haure o succo d'essa uva,
cada estrophe é um altar que áquelle deus se eleva,
coração orpham canta, o teu canto alma viuva
é da estrella da luz o pedestal de treva.

As estrellas se vão, claros sonhos de arminho
só te fica a alvorada, essa rosa vermelha.
Alma afoga essa dor na espuma desse vinho.
Alli tens o teu sangue o teu nectar abelha!

Teu ninho é triste e só na rocha núa e calva
e tua senda é toda erriçada de estrepes
Para arrancar do céo as nuvens de tua alva
tens de pedir á lousa a escada com que trepes!

. . . . . .

Erguei o surto, voae, erguei o cantico, ide
e bebei nesse azul ineffavel e eterno.
A existencia é um arneiro onde nasce uma vide
entre as torgas, o ideal. A poesia é um falerno.

POEMA DE LECONTE DE LISLE

TERCEIRA PARTE

O CORVO

Dos claustros de Arsinôe são elles onze, o Abbade
Serapião, submisso ás duras leis do frade
e ao sceptro de Valens, imperador do Oriente,
passeia, é noite, a orar, meditativo e crente,
ao longo da vetusta arcaria do claustro.
Do sol sumiu-se o régio e purpurino plaustro;
dos oasis em flôr e da areia deserta
sóbe a sombra ao azul e as estrellas desperta;
um rugido de leão sôa, vibrado ao longe,
e é quanto, ás vezes, quebra o silencio do monge,
logo tudo se cala em torno do mosteiro;
a noite aos poucos cresce e envolve o céo inteiro.

O Abbade Serapião, lento, de lado a lado
vai, das sandalias se ouve o rumor abafado,
e no Edicto imperial pensa com madureza,
decreto que lhe causa uma enorme surpresa,
o qual manda alistar cem mil monges, depressa,
para a guerra que contra os Godos se começa.
Ora, então, os que vêm, por aversão á vida
do seculo, buscar em Deus uma guarida,
salvando-se em jejuns e em ler os Evangelhos,
no baixo e no alto Egypto abundam, jovens, velhos.
Eis porque, bruscamente, o tal Edicto viera
trazer terror e espanto áquella gente austera.
Toda carne ora sangra em pesados cilicios,
para Deus desarmar, na offerta dos supplicios.
O Abbade, a reflectir nisso tudo, alma afflicta,
põe-se a rezar em prol de sua grei proscripta,
erguendo as mãos ao céo, dizendo: — Deus me assista! —
Mas, quando triste vai, posta no chão a vista,

eis que escuta na sombra insondavel da arcada,
de repente, uma voz rouquenha que lhe brada:
—Veneravel Senhor, imploro-te piedade!—
O Abbade julga que era o Demonio, em verdade,
e benze-se, mas vê tudo em volta deserto.
Torna a voz:—Conheci tempo melhor, é certo,
já fiz bellos festins! mas a sorte, arrenego-a,
condemnou-me a passar uma fome sem treguas;
ora, meu bom Senhor, não se fique espantado,
mui velho eu era já quando Abrahão foi nado.

—Em nome de Jesus, ó demo ou creatura
que me imploras com tão insólita impostura,
em summa, quem quer que és que me falas e vês-me,
apparece!—Senhor, diz a voz, aqui eis-me,—
E logo um vulto vem cahir na balaustrada,
perto do monge, fórma ampla, desmesurada,
uma ave, um avejão, meio abertas as azas,
o fulvo olhar sinistro a luzir como brazas.
Então o Abbade vê que era um corvo gigante.
Tinha a edade torcido o seu bico possante,
e em varios pontos já seu corpo magro, de uma
magreza extrema, tinha emfim perdido a pluma.
De certo a fé do Monge é vivida e robusta,
crê ser a Providencia amparo da alma justa;
mas, nunca tendo visto essse apparecimento,
sente-se, a seu pesar, tremer nesse momento.
Sinistro, accende o Corvo os olhos como brazas,
e ao mesmo tempo agita as duas negras azas.

Diz-lhe Serapião:—Se Satanaz te chamas,
impio, demonio, cão, volta ás eternas chammas!
vai-te, eu te amaldiçôo em nome de Jesus!
E, assim dizendo, faz grande signal da cruz.
—Não sou tal, meu Senhor, podes ficar tranquillo,
nasci corvo, e ha que tempo enorme foi aquillo;
não sou mais do que mostra esta apparencia mesma,

portanto inutil á julgares-me abantesma.
A fome róe-me, e afim que esta dôr me não morda
peço-te... carne magra, em faltando da gorda.
Em troca, Senhor Monge, um bom medicamento,
infallivel, darei ao teu agro tormento.

—Segundo a nossa regra, aqui ningem se nutre
d'aquillo que alimenta o lobo, o corvo, o abutre.
Se queres carne, vai aos campos de batalha,
onde o Inferno é que corta a sangrenta vitualha.
Aqui para aplacar as fadigas e a fome,
não terias senão pão de centeio e figo.
—Pois seja! de glutão não me é cabido o nome,
e qualquer alimento é bom para o mendigo
a quem longo jejum (de tres seculos!) gela.
—Acompanha-me então até a minha cella.—
Como a idéa feliz de refeição lhe agrade,
vai pelo corredor a ave a seguir o Frade.

∴

Depois de figo e pão haver comido, o Corvo
do magro dorso agita as pennas como settas
de um carcaz, e, cerrando o olhar lugubre e torvo,
parece que esqueceu o retiro de ascetas.
O Monge cruza as mãos sob a grossa estamenha,
olhando fixo a extranha e funebre açorenha,
e murmura:—Jesus! afasta com tua aza
as ciladas do Demo em volta d'esta casa!
Santos Anjos! tudo isto é caso extraordinario.
Que quer este avejão mil vezes centenario?
Ninguem já recebeu tão singular visita.
Protege-me, Senhor, com tua mão bemdita!—
Emquanto assim o Abbade impressionado pensa,
o Corvo ergue a cabeça e diz com voz intensa:
—Não estou a dormir, como acreditas, sondo,
ó Rabbi venerando, o passado e commigo
ponho a interrogação a que nunca respondo:

a alma de que se faz? Qualquer propheta antigo
eu conheci, nenhum resolveu o problema.
— Possa o Inferno tragar aquelle que blasphema!
A ti que importa, a ti, vil carne, inerte presa
para as garras da inconscia e voraz natureza,
a ti que és só a lama antes de ser a poeira,
vã sombra, indifferente aos olhos do Senhor,
que importa a ti a bella estancia derradeira
onde os Santos estão aureolados de amor?
O corvo, o abutre, o lobo, o cão, toda a manada
emfim, perante a morte o que é mais do que nada?

— Senhor, falas assim, com tão soberdo entono,
certo de te accordar depois do ultimo somno;
mais eu vi muitos Reis e vi povos valentes
que não iam por gosto esconder-se na cova;
todos, a bem dizer, não estavam mui crentes
de depressa sahir d'essa morada nova.
Além d'isso, convém que saibas, d'essa gente
muito corpo eu comi, e alma, conjunctamente.
— Vil pagão, quando a carne em cadaver é feita,
distende as azas a alma e sóbe ao céo direita.
Deus não te concedeu graças, poderes tantos
para ver o que hão visto os Archanjos e os Santos:
espiritos no azul, ethéreas creaturas
pairando junto aos sóes, fóra das sepulturas!
eis a verdade. — Pois, emquanto a mim, duvido,
não sei; não tive o dom d'esse sexto sentido.
Comtudo, seja assim, se a cousa é tão notoria.
Mas, apraz-lhe, Senhor, ouvir a minha historia,
e apraz-lhe receber a minha confissão?
Preciso, hoje, ganhar a plena absolvição.
— Escutarei. Feliz de quem humilda a fronte,
o franco arrepender lava como uma fonte,
e inunda os corações dos Anjos d'almo goso.
— Vou começar, de além, — pois que sou muito edoso:

* * *

Nesse tempo, Senhor, a agua vinda do céo
tinha afogado tudo em medonho escarcéo,
e levava, a boiar sobre os mais altos cimos,
até das nuvens perto, as escumas e os limos.
Tinha chegado a vez de cada antigo rei
e cada antigo imperio. Em verdade, não sei
se eram peiores já que os de hoje. Mas, que importa
lembrar males ou bens d'uma raça que é morta!?
—Eram impios e maus, por isso o Omnipotente
com razão no Diluvio afogou tudo aquillo.
Era um mundo perverso, onde pela serpente,
o Homem bom conseguiu a Mulher seduzil-o!
—De accôrdo, mas tambem não é d'isso que trato.
Liquidara-se o mundo antigo, isso é que é facto.
A arca immensa fluctuava, havia já quarenta
auroras, embalada ao sabor da tormenta,
e estava no seu bojo, a vogar sobre o abysmo,
tudo, tudo que havia escapo ao catachysmo.
Eu achava-me alli, entre todos, a um canto,
esperando minha hora, attonito de espanto.
Um dia, appareceu limpo o céo, na alvorada,
e deixou de chover a abobada esgotada;
resplandecia o sol, rubro, no oriente da arca;
a agua descia. —Vai! disse-me o Patriarca,
e, se alguma montanha emerge ao longe, vôa
a dizer-nos que Jahvéh o universo perdôa —
Abri as azas, presto, e, louco de alegria,
por sobre a universal agua deserta eu ia.
E depois afinal, como não regressei,
que fim levou a nau d'essa gente não sei.
—Foi isso certamente uma bem feia acção.
—O facto é que, Senhor, embora não te agrade,
eu sempre affeito a voar, a voar em liberdade,
estou bem ao ar livre, e abafo na prisão.

Vi depois assomar dos montes as cabeças
verdes, seccando ao sol, cheias de algas espessas;

e fui-me empoleirar sobre um cedro elevado,
d'onde podia ver bem para qualquer lado.
Tres dias esperei mas tres noites, a fio,
e depois, quando o sol no horizonte sombrio
ergueu-se, vi que o mar ao seu antigo fundo
voltara, e renascêra agora um novo mundo,
a gottejar a vasa e as escumas marinas,
deserto, inda mostrando o esqueleto das ruinas.
Da montanha onde eu era, embaixo, via-se uma
espaçosa cidade a dormir entre a bruma,
com paredes de rubra argilla e com terraços,
obra de antiga gente e de possantes braços.
Desmoronados sob o impulso da alluvião,
muros, palacios, tudo estava em destruição,
e o sargaço viscoso, os mariscos, a lama,
dos tectos a pender como sombria rama,
misturavam-se em massa informe e espesso ajuste,
traçando uma espiral em derredor de um fuste,
depondo um manto roto e sujo sobre um hombro,
mortos gigantes, Reis, filhos do Céo, que assombro!
Vi dois inda de pé, num silencioso entono
e com cadeias de ouro, ambos no mesmo throno:
um homem, fronte altiva, estatura pujante,
com seu braço nervoso ao peito comprimia
uma bella mulher cujo olhar, na agonia,
quedára-se a fitar seu glorioso amante;
eu li na sua bocca entre aberta e gelada
o consolo feliz de morrer abraçada.
Domado, não vencido, elle, a cabeça erguida,
sem medo no morrer como durante a vida,
sálvara do naufragio, intactas na surpresa,
a coragem, a força, a altivez, a belleza.
Da cidade em redor extendia-se um lago
onde batia o sol com reverbero aziago,
mar de lodo, paúl repleto de animaes
inertes e mostrando os ventres colossaes,
o immenso mastodonte ou primevo elephante,

reptis, monstros de fórma exquisita e gigante,
touros abrindo no ar as convulsas narinas
á flor d'agua, assim quaes baleias submarinas;
grandes aguias, que emfim, fatigadas no espaço,
foram forçadas a ir tombar nesse regaço;
o homem e todo ser que a terra tinha d'antes
eram de fria lama os mortos habitantes.
O fumo da agua, ao sol, se espalhava no vento.
Ora, visto que a morte é da vida alimento,
alli vivi, Senhor, feliz por muitos annos,
adorando a tal morte e seus negros arcanos,
pois que emfim, e eu por isso abençoava-lhe o nome,
não ha nada melhor que comer quando ha fome.

∴

Depois de muitas soés, naquella solidão
a passar o meu tempo em molle quietação,
vi, uma noite, do alto em que me empoleirava,
inflammar-se assim como uma effusão de lava,
o Levante, e um phantasma, entre as nuvens surgindo,
vinha pela amplidão num resplendor infindo.
Suas azas em torno espalhavam ao vento;
sua coma flamante era um deslumbramento;
com calmo gesto e com seu halito profundo
dispersava o vapor em que era envolto o mundo.
Ao limpido clarão de seu olhar azul,
agua viva subia á face do paúl;
nascia nova flora entre os cardos e tojos;
transformavam-se em fumo os humanos despojos;
e jorravam da rocha, onde o germen dormia,
rios, vindo trazer suas ondas ás margens
e a fecundez semear pelas desertas vargens
que inda ha pouco impregnava a salsa maresia.
Pôz-se a gyrar o espaço ao meu olhar absorto!
E do meu cedro aos pés, eu cahi como um morto.

Que seculo durou esse somno pesado?
Mas o tempo o que é mais que de um sonho a penumbra?
Quando emfim me accordei, muito tempo passado,
de um bosque, vasto e denso, a folhagem me obumbra.
Tudo despareceu, nada mais se conserva
d'essa cidade real desfeita em pó sob a herva.
Mas notei, quando fui a pairar nas alturas,
que era o mundo outra vez conquistado pelo homem;
as vociferações das ferozes creaturas
sobem de toda parte e nas nuvens se somem;
do sul ao septentrião, do leste ao occidente,
cegas de raiva, braço a braço, frente a frente,—
dia e noute, nações novas se entrechocando,
na furia e no estertor do embate formidando;
settas fugindo no ar; clavas em seus nós duros
craneos quebrando, assim como fructos maduros;
mulheres e anciãos, rotos ensanguentados,
filhos mortos, no pó; mães torcendo-se, aos brados,
tudo attesta que o mar do Diluvio recente
tinha purificado o mundo renascente!
Ah! ah! quanta aguia e abutre, e corvos, e francelhos,
farejando, em redor, os perfumes vermelhos
da carne d'esse leão, de luctar nunca exhausto,
aos Deuses offertada em enorme holocausto!
—Não te alegres por isso, ominoso perverso!
Tu, cego pela inveja ou domado pelo odio,
não vés senão o mal, nunca o bem, no universo,
cujas desgraças são-te ensejo para o brodio.
A pobre humanidade, o abutre voraz,
só a vê teu olhar pelo de Satanaz!
—Parece-me, Senhor, mas rogo não se zangue,
o homem sempre terá sêde do proprio sangue,
como eu tenho a paixão da carne morta ou viva.
É gosto natural que de ambos nós deriva
para integral cumprir-se a nossa dupla sorte.
Nisso não intervem Satã, nem Divindade;
Ao que pertence á vida e ao que pertence á morte

não tenho inveja ou odio, eis com sinceridade
meu modo de sentir, sou um indifferente.
E, se eu ri-me, isso foi muito innocentemente.
—Rei dos Anjos, Jesus, meu divino Senhor,
por que não amarrais a lingua a este traidor!?
vêde quanto escarnece e na blasphemia insiste!
—Não te zangues, e lembra o que já proferiste:
que apenas carne eu sou,—sem a alma que fulgura!
não posso merecer nem louvor nem censura;
e, lembra, se me calo, hão de amanhã comtigo
cem mil monges marchar, chuco á mão, elmo á fronte,
bellos guerreiros que, sob os golpes do imigo,
verterão o abençoado e puro sangue insonte,
e, mortos, para o céo irão logo afinal,
pois, na tua opinião, isso é que é o essencial.
—Valha a paciencia. Deus sem dúvida me exige
que eu ouça, para expiar as culpas, esta estrige.
Fala, prosegue, mas sem argumentação;
eis-me aqui a perder tempo de salvação.

***

Eu tinha a edade longa e a saude robusta,
sempre sangue a beber, preço que a guerra custa,
Sentindo-me tão bom como no antigo dia
em que após o diluvio a manhã resplendia.
E os homens a crescer, a viver, a morrer,
assim corporisando um sonho cada ser,
séries de creações pereciveis, que o vento
varria para o morno e mudo esquecimento.
A selva germinosa, desfizeram-se os troncos,
obedecendo ao tempo e dos raios aos roncos,
não ficando serão árida areia e rocha
onde ha orvalho e sol mas nada desabrocha.
Passavam-se ante o olhar, breves como um momento,
cidades, construcções de pósphyro e cimento;
varreram-lhes a poeira os tufões e do nada